

Campo do conhecimento de pesquisa do ensino da Geografia

Coleção

*Educação do campo, das águas e das florestas:
tecendo currículos de formação de professores
no contexto amazônico*

Ângelo Rodrigues de Carvalho



editora
UEA



CAMPO DO CONHECIMENTO DE PESQUISA DO ENSINO DA

GEOGRAFIA

ÂNGELO RODRIGUES DE CARVALHO

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib
Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-reitora

Fábio Carmo Plácido Santos
Pró-reitor de Ensino de Graduação

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Darlisom Sousa Ferreira
**Pró-reitor de Extensão e Assuntos
Comunitários**

Isaque dos Santos Sousa
Pró-reitor de Planejamento

Nilson José de Oliveira Junior
Pró-reitor de Administração

Valber Barbosa Martins
Pró-reitor de Interiorização

Núcleo de Educação a Distância - NEAD

Maria do P. Socorro Nóbrega Ribeiro
Coordenadora Geral NEAd/UAB/UEA

Universidade Aberta do Brasil -UAB

Raimundo N. A. da Silva
Coordenador adjunto da UAB/UEA

Escola Normal Superior

Márcio Gonçalves dos Santos
Diretor

Daniele Mariam
Coordenadora de Qualidade

Licenciatura em Pedagogia do Campo

Lucinete Gadelha da Costa
**Coordenadora do Curso e do Núcleo de
Educação do Campo, das Águas e das
Florestas da Escola Normal
Superior/UEA**

Núcleo Docente Estruturante

Lucinete Gadelha da Costa
Presidente

Maria Edeluza Ferreira Pinto de Moura
Vanderlete Pereira da Silva
Raimundo Sidney dos Santos Campos
Leni Rodrigues Coelho
Membros

*editora***UEA**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira
Horstmann
Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de
Freitas
Gerente

Wesley Sá
Editor Executivo

Raquel Maciel
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira
Horstmann (Presidente)
Adriana Távora de Albuquerque Taveira
Carlos Mauricio Seródio Figueiredo
Gislaine Regina Pozzetti
Josefina Diosdada Barrera Khalil
Katell Uguen
Orlem Pinheiro de Lima
Silvia Regina Sampaio Freitas
Vanúbia Araújo Laulate Moncayo
Conselho Editorial

Hillary Vieira
Sindell Amazonas
Revisão e preparação de texto

Clarice Martins
Nicole Rocha
Produção de capa

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

C331c
2025

Carvalho, Ângelo Rodrigues de
Campo do conhecimento de pesquisa do ensino de geografia/
Ângelo Rodrigues de Carvalho. - 1. ed. – Manaus (AM):
Editora UEA, 2025.

69 p.: il., color.; [E-Book] - (Coleção Educação do campo, das
águas e das florestas: tecendo currículos de formação de
professores no contexto amazônico.)

ISBN: 978-85-7883-755-6

Inclui referências bibliográficas

1. Geografia-Estudo e ensino. 2. Metodologia do ensino. 3.
Geografia- (Ensino fundamental). 4. Educação. I. Título.

CDU 1997- 372.891

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota-11/CRB 484



*editora*UEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	6
CARTA AO PROFESSOR DO MUNDO E DA ESPERANÇA.....	7
ESTRADAS DAS ÁGUAS.....	13
UNIDADE I.....	14
1. A GÊNESE DA GEOGRAFIA.....	14
O QUE É GEOGRAFIA?.....	14
FILOSOFIA E GEOGRAFIA	16
KANT E A GEOGRAFIA	17
A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA.....	18
A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR.....	21
PRINCIPAIS ESCOLAS DA GEOGRAFIA.....	22
PROPOSTAS DE ATIVIDADES	23
UNIDADE II.....	27
2. GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS.....	27
O ENSINO DA GEOGRAFIA.....	28
A EDUCAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS	31
UNIDADE III.....	36
3. METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA.....	36
BUSCANDO ENSINAR GEOGRAFIA	36
ABORDAGENS TEÓRICAS	37
A ABORDAGEM TRADICIONAL.....	37
A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA	37
A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	38
A ABORDAGEM AMBIENTALISTA.....	38
A ABORDAGEM REGIONAL	38
A ABORDAGEM HUMANÍSTICA	38
A ABORDAGEM CRÍTICA.....	38
A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA	39
A INFÂNCIA NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA	39
COMO EXPLICAR O QUE É GEOGRAFIA PARA UMA CRIANÇA?.....	41

O QUE TRABALHAR EM GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?	42
UNIDADE IV	44
4. GEOGRAFIA – OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS, A VIDA NO COTIDIANO E O ENSINO FUNDAMENTAL	44
O CONCEITO <i>ESPAÇO</i>	45
O CONCEITO <i>TERRITÓRIO</i>	46
O CONCEITO <i>LUGAR</i>	48
O CONCEITO <i>REGIÃO</i>	49
O CONCEITO <i>PAISAGEM</i>	50
USANDO A POESIA PARA ENTENDER A GEOGRAFIA	53
O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	58
O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	61
REFERÊNCIAS	67
SOBRE O AUTOR	70

PRIMEIRAS PALAVRAS

Gostaria de iniciar este trabalho trazendo algumas breves palavras para que possamos nos aprofundar no processo de reflexão sobre o nosso papel enquanto seres humanos que somos e estamos nessa viagem chamada vida e também sobre o papel de cada uma e cada um enquanto profissionais da educação, que somos e que queremos ser.

Sabemos que a Educação no Brasil e na Amazônia, historicamente, enfrenta sérios e diversos debates sobre qual concepção seguir e qual deve ser seu papel social. Temos clareza que as concepções de educação apresentam propósitos cabalmente divergentes tanto no que concerne sua visão de mundo, quanto sobre o papel social da mesma.

Pensamos que a educação deva ter o compromisso de contribuir para o processo de emancipação do ser humano, para o despertar da consciência político-social no contexto do mundo no qual estamos inseridos. O Brasil é um país, do ponto de vista social, extremamente marcado por desigualdades que, ao longo da história, apenas se aprofundam com o processo de concentração das riquezas nas mãos de uma minúscula parcela da sociedade.

Neste sentido, esperamos que o presente material sirva para a reflexão de nossa contribuição no processo de ensino-aprendizagem, logo, do nosso papel no sistema educacional brasileiro e amazônico, a fim de que possamos ajudar na formação de sujeitos-territórios livres, homens e mulheres que sejam construtores de sua própria história, logo, protagonistas da construção de um outro mundo, um outro Brasil e uma outra Amazônia possíveis.

Para contribuir com nossa reflexão, trago aqui a escrita da *Carta ao Professor do Mundo e da Esperança*, composta pelo professor Afonso Scocuglia e a professora Eliete dos Santos (2021). É um diálogo com o professor Paulo Freire, onde revelam algumas situações recentemente vivenciadas por nós na história deste nosso país, chamado Brasil.

CARTA AO PROFESSOR DO MUNDO E DA ESPERANÇA

*Afonso Celso Scocuglia*¹

*Eliete Correia dos Santos*²

Caro mestre Paulo Freire,

Por aqui sentimos muito tua presença, embora estejamos distantes, em planos diferentes. Desde já, parabéns pelos 100 anos! Não é qualquer um que chega aos 100 sendo o terceiro autor mais citado das ciências humanas/sociais no mundo todo e que tem a *Pedagogia do Oprimido* entre os 100 livros mais referenciados em língua inglesa mundo afora (desde já, permita que usemos o “tu”, como os nordestinos gostam).

Aqui no Brasil, também sentimos muita falta da prática educativa dos tantos conceitos que nos deixou como legado.

Estamos num tempo em que falta o diálogo, as ações dialógicas, tanto na sociedade da barbárie quanto na Educação - cada vez mais desqualificada e desprezada no nosso país. Viraram rotina os discursos de ódio, como se fossem ordens unidas a liderar o Brasil.

E a liberdade, que tanto nos falou, em tantos escritos, desde a *Educação como prática da liberdade*, básica para a democracia? Foi ignorada e renegada por governantes e seus seguidores! Ao contrário disso, dirigentes desqualificados insistem em armar a população para, no momento que acharem adequado, cercear todas as liberdades. A coisa está feia, mestre!

A Cultura, então, está numa Fria (desculpe a brincadeira, mas o Secretário de Cultura da época (06/2020-03/2022) foi um atorzinho chamado Mario Frias. Informo porque daí não dá para acompanhar tudo, ainda mais um tipo desprezível deste). Ao mesmo tempo tinha um outro lá na FUNARTE que estava banindo todos os ícones negros da cultura brasileira. Deve ser triste para um educador, que tanto repetiu que a educação é uma ação cultural, observar tudo isso.

¹ Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Visitante da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestrado em Educação (UFPB), Doutorado em História (UFPE), Pós-Doutorado em Ciências da Educação (Université de Lyon, França) e Pós-Doutorado em História e Filosofia da Educação (Unicamp). Integra o Grupo de Pesquisa Arquivologia e Sociedade (GPAS) da UEPB. Autor e apresentador do Programa Paulo Freire Vivo na TVUFPB.

² Professora e coordenadora do curso de Arquivologia, Profa do PPGLE-UFCG e do PPGFP-UEPB. Pós-doutora em Educação Contemporânea – UFPE, Doutora em Linguística – UFPB com Doutorados anduiche na Universidade do Porto, Mestre em Linguagem e Ensino - UFCG. Líder do Grupo de Pesquisa Arquivologia e Sociedade – GPAS e membro do GPLEI. Presidente da Rede Internacional SESA.

Cada vez mais sentimos tua falta na defesa da necessidade da transição de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. Ou ainda preocupado com a consciência das classes populares tão impactada pela miséria exacerbada por uma pandemia *sui generis*. Já perdemos centenas de milhares de irmãos brasileiros para o vírus Covid-19 (a grande maioria pertencente às camadas populares), consequência, em grande parte, de atos de comandantes genocidas que insistem no negacionismo anti-ciência e anti-educação.

Sabemos que a esperança sempre foi tua marca, mas o massacre atual, coadjuvado por uma crescente (in)consciência da realidade presente, desanima. Teu ensinamento continua como uma Pedagogia da esperança, não da espera, mas, do verbo (ação) de esperar. Mesmo com esse aprendizado, a situação é caótica e difícil de suportar!

Podemos lembrar da tua insistência em pensar o trabalho como princípio educativo. Desculpe o pessimismo, mas trabalhar está cada vez mais difícil por aqui. Dificílimo. São dezenas de milhões de desempregados vivendo na base do assistencialismo populista de sempre, literalmente definhando com a fome crescente. Nessa tragédia, pensar na escola para os filhos virou um privilégio dos já elevados e sua maioria busca sobreviver em um cenário que aumenta os miseráveis. Infelizmente, a leitura do mundo e da palavra fica mais distante das tuas ideias que consideraram falsa a teoria da expressão do subjetivismo idealista, que exclui qualquer réplica ativa ou resposta e mostra que o processo de compreender exige sempre uma resposta ativa.

Não há dúvida de que sentimos uma sensação de passividade, mas não podemos esquecer de tuas reflexões, de que o problema do ato passivo nada tem a ver com a atividade de linguagem, pois exclui a possibilidade de abertura que esta permite e limita a pluralidade de leituras que esse modo de ver oferece. O ato de compreender não se reduz à decodificação e alcança uma amplitude maior do que aquela que se fecha no interior da mente.

Destarte, a defesa de uma educação inseparável da política, enquanto direito humano, cidadania e emancipação sempre nos comoveu e nos convocou. Continuamos na luta. Cada um fazendo o que pode e notando a necessidade premente do coletivo. E não é, mestre Freire, que entre os próprios educadores há aqueles que continuam a achar que as coisas vão bem e o atual precisa ser conservado?

Os professores e as professoras continuam se virando para dar conta das suas tarefas. A problematização que propusestes enfaticamente ganhou novos atores e atrizes:

os próprios professores/professoras! Agora, mestre, elas e eles precisam ser híbridos, continuam mal pagos e passíveis de serem contaminados na sua profissão. Sem esquecer que a violência contra eles/elas não cessou. Das psicológicas-mentais às violências físicas. Desde a tua partida para o outro plano, no século passado, neste setor regredimos muito. No cotidiano do professor, o medo (e não a ousadia) está presente ao querer inibir, calar a voz de quem não mediu esforços para se reinventar e aprender as metodologias ativas que ainda pouco vigoravam em nosso país.

Nunca foi tão necessário ensinar a ler em meio a tantas fake news. No movimento de interação social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro que, por sua vez, vão mobilizar o discurso desse outro e assim por diante. A noção de interação verbal via discurso é gerada pelo efeito de sentidos originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção e pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores.

Infelizmente, entender o conceito de interação verbal nos faz perceber como o povo é facilmente manipulado, talvez, muito mais rápido do que era em tempo passado. Antes vivíamos, mestre Paulo, um tempo de muita esperança. A esperança, porém, não rendeu os frutos esperados, mas decepção. Contudo, não prevíamos tempos ainda piores nos quais essa pandemia nos escancarasse tanto nossa extrema desigualdade e o desmantelamento das principais políticas públicas, especialmente, nas áreas da saúde e da educação. Sem esquecer as outras.

A tua defesa da educação de jovens e adultos, desde os anos 1950/1960, como direito ao conhecimento daqueles que se atrasaram ou não foram para a escola, esvaiu-se rapidamente. Quando pensamos na relação trabalho-EJA nos dias atuais, muitos de nós quedamos desesperados. Mesmo sem esquecer a referência explícita que os educadores do mundo todo, convocados pela UNESCO, subscritores do Relatório Delors, tenham elegido tua tese - a aprendizagem e educação ao longo de toda a vida -, como a baliza da educação do século XXI. Soubestes dessa homenagem à toda a tua trajetória educativa, por aí? Sim, o órgão da ONU, responsável pela Educação e a Cultura (UNESCO) elegeu a tua tese (prospectada desde os anos 1950/60) para servir de emblema e de bandeira para a educação do presente século.

E alguns ainda dizem (ignorantes!) que teu legado está vencido e não é atual. Pensamos exatamente ao contrário, grande mestre Paulo Freire. Hoje, aproximando-nos

do teu centenário, todos os continentes do mundo prestam homenagens incontáveis ao seu legado. Não ligue para um bando de Weintraubs (ex-Ministro da Educação) estúpidos que propuseram “cancelar” sua obra. Óbvio que não conseguiriam.

A reação aos ataques contra ti e teu legado está sendo mundial. Brotam diariamente iniciativas como esta (da UEPB) de entrar em contato com tua obra, teu legado e tua presença distante. Bem que gostaríamos de presenciar mais uma das tuas palestras a pedir (como fez na sua última entrevista por aqui, 1997) as muitas marchas pela terra, pela moradia, pela comida e o trabalho e, especialmente, pela educação.

Desculpe de novo. A carta já está longa e sei que vais receber outras tantas. Sabemos que teu forte sempre foi ler em profundidade os autores com quem dialogou e com os quais fundamentou tuas propostas. Vamos continuar só mais um pouquinho, mestre.

Não podemos esquecer dessa parte antes comentada. Do fato de ter sempre dialogado com muitos pensadores, da tua humildade em se declarar incompleto e sequioso de complementações. E foram tantas tuas conexões com esses pensadores que esses diálogos constituem alicerces inexpugnáveis das trincheiras pela educação popular aqui, em toda América Latina e no mundo todo.

E, neste sentido, só pode ser uma dádiva poder se encontrar por aí com o Anísio Teixeira, Dewey, Vieira Pinto, com o Marx, com o Amílcar Cabral e o Gramsci, e tantos outros! Puxa que privilégio, mestre! Sentimos pura inveja (boa), mas, qualquer dia queremos participar desses seminários dialógicos que, certamente, como intelectual organizador estás fazendo aí no andar de cima! Podias mandar uns textos novos psicografados! Brincadeiras à parte, o problema é que por aqui a teorização está muito escassa. Na educação brasileira, nem se fala!

Sabemos que vais dizer que estás aprendendo para poder ensinar, que busca sempre melhorar tua consciência e teu conhecimento, que sem diálogo não se aprende, que continua a busca por complementos para tuas ideias. Mas, não exagere na modéstia por aí, mestre Paulo.

Teu legado e tua obra “nos deu régua e compasso”! Pena que muitos hoje não sabem o que seriam réguas e compassos, porque leem menos, aprendem menos, escrevem menos, só entendem do “zap”.

Já deve saber que por aqui os governos insistem em dizer que há 10 a 14 milhões de analfabetos brasileiros com mais de 15 anos. “Esquecem” das dezenas de milhões de analfabetos funcionais que não decifram um bilhete! Segundo o Índice Nacional de

Alfabetismo Funcional (INAF), pesquisado pela Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro (se quiser ver, mestre, é só conectar <https://acaoeducativa.org.br/>) 3 em cada 4 brasileiros (75%) não são completamente letrados! Isso depois de quase 60 anos da criação do chamado “Método Paulo Freire”. Continuamos um país de analfabetos absolutos, funcionais, digitais, políticos etc. E já vamos em 2021, mestre.

Mas vamos mudar o rumo de nosso diálogo. Queríamos fazer uma carta leve e de homenagem aos seus 100 anos. Mas sabemos que terás paciência (paciência impaciente, como gostavas de repetir) para conosco. Perdoe nossos desabafos! Queremos te desejar, mesmo, é o máximo da alegria que nos destes, a continuidade da esperança por um mundo mais justo e menos feio como pedistes, a amorosidade com a qual respeitastes todos os humanos, as boas lembranças que deixastes por todos os caminhos (foram tantos!) que percorrestes. Do teu Recife a Genebra, da cadeia no Exército aos mais de 40 títulos de doutor honoris causa pelo mundo, da Guiné-Bissau a São Paulo da Erundina.... E os tantos amigos e amigas que aqui fizestes, tendo a amorosidade pelos seres humanos como bandeira, com tua proposta de hominização.

Não há dúvida, tu sempre tiveste razão de que a maneira de enunciar do professor pode definir as ações dos alunos, sejam as de acolher, sejam as de resistir a ler o mundo e os discursos nele contidos. Em nossas salas de aula, hoje remotas, não podemos esquecer o teu legado de que a relação, que é possibilidade de um encontro dialógico sempre novo, encontra-se envolta na condição de gratuidade, que nos permite reconhecê-la em sua dinâmica de abertura-spontaneidade. O Tu encontra-se comigo por graça; não é por meio de uma procura que é encontrado. Mas endereçar-lhe a palavra é um ato do meu ser, meu ato essencial. O outro aqui compreendido em uma relação amorosa com a palavra do outro, que deve ser ouvido, o espaço onde se realiza o diálogo, o encontro entre Eu e Tu, partindo-se do pressuposto de que são as relações com os outros que nos constituem.

Continuamos por aqui nas batalhas inspiradas por tuas ideias e tuas práticas. Inspirados nos teus livros para descobrir mais aportes político-pedagógicos, a cada leitura; certamente, nossos atos implicarão na formação crítica, social e ideológica dessa geração que aí está, uma responsabilidade pedagógica ao difundir diversas informações e referências identitárias para ler as temáticas sociais.

Prosseguimos também interessados em *reinventar* algumas coisas que produzistes na passagem por aqui. Confessamos que esta parte da tarefa (tua reinvenção) que nos deixastes é muito difícil. Especialmente em tempos tão sombrios como os nossos.

Quando dissestes que *a melhor maneira de te seguir seria não te seguindo...* a coisa complicou.

Mas, não temos desculpas para dar. Inspirados e lastreados pelo teu legado somos mais fortes, apesar das tormentas. Nosso barco vai em frente. A Terra continua redonda, embora tenha um bando de gente negando. Temos esperança de dias melhores.

Daqui a um tempo, num próximo aniversário, escreveremos outras cartas. Em e-book viu, mestre! É o jeito. Papel está raro e, por aqui, árvores derrubadas significam lucro, principalmente na Amazônia. Nunca vão para os livros.

A turma toda (do mundo todo) te envia milhões de abraços bem apertados, muito amorosos, iluminados e transcendentais (como gostavas quando aqui estivestes). Até mais ver, mestre, e obrigado por tanto e por tudo!

Com afeto e amorosidade,
João Pessoa (PB), 15 de fevereiro de 2021.

ESTRADAS DAS ÁGUAS

Meu barco que corre nas águas
Constrói estradas não antes escritas
O barco de minhas estradas
Carrega histórias e lembranças
E se vai indo e vindo ao vento
Entre linhas e entrelinhas infinitas.
No meio do barco caravelas
Chove nuvens e rios de chuvas
Por vezes não há portas
Só aparelhos e várias telas
Nas chalanas que avistei
Procuro os rios e as estrelas.
Do barco que se vai
Peço a Deus os céus e a luz de velas
Correntezas carregam o mundo
Navegando maresias
E na força dos rios marés
Abrem-se esperanças e janelas.
Ao fundo deste mundo
Ouço a voz do esperanto
Quem sabe o sol e o amanhã
Águas, florestas e campo
Se façam luz em tons banzeiros
Da Amazônia aos quatro cantos brasileiros.

Ângelo Carvalho.

Em uma noite de chuva. Março/2024.

UNIDADE I

1. A GÊNESE DA GEOGRAFIA

O QUE É GEOGRAFIA?

A Geografia é uma ciência humana e, como toda ciência, tem seu próprio objeto de estudo que é o espaço geográfico. Enquanto disciplina acadêmica, a Geografia procura estudar o processo de (re)organização do espaço na superfície terrestre, bem como os fenômenos naturais e humanos que a constituem, além das interações entre esses elementos, ou seja, a Geografia estuda a relação sociedade – natureza, estuda também a relação espaço-tempo, razão-emoção e técnica, mesmo que alguns digam que não.

Em síntese, a Geografia é uma ciência que se preocupa em compreender os padrões e processos que ocorrem no planeta e em explicar as relações entre o espaço, a sociedade, o meio ambiente, a razão e a emoção.

A Geografia abrange uma ampla variedade de tópicos e subcampos, que podem ser divididos em duas grandes categorias: Geografia Física e Geografia Humana. A Geografia Física é o ramo da Geografia que se concentra nos estudos dos aspectos naturais e físicos do mundo, incluindo elementos como relevo, clima, hidrologia, vegetação, solos, ecossistemas e processos naturais como erosão, vulcanismo e tectônica de placas. A Geografia Física explora como esses elementos interagem e influenciam a paisagem terrestre, a partir das alterações realizadas pelo homem.

A Geografia humana se preocupa com as atividades e características das sociedades humanas e suas interações com o ambiente. Isso inclui estudos sobre população, migração, urbanização, economia, cultura, política, agricultura, transporte, globalização, entre outros temas. A Geografia Humana investiga como os seres humanos organizam e transformam o espaço, bem como as consequências sociais, econômicas, políticas e ambientais dessas ações.

Além dessas grandes divisões, a Geografia também inclui subcampos especializados tais como: Geografia Econômica, Geografia Política, Geografia Urbana, Geografia Cultural, Geografia Ambiental, entre outros. Esses subcampos se concentram em aspectos específicos da interação entre as sociedades e o ambiente, ou a natureza.

É importante observar que a Geografia utiliza uma variedade de métodos e técnicas de pesquisa, incluindo observação de campo, coleta e análise de dados,

sensoriamento remoto, sistemas de informação geográfica (SIG), modelagem computacional e análise espacial. Essas ferramentas ajudam os geógrafos a entenderem a complexidade dos sistemas terrestres e a tomarem decisões informadas sobre questões relacionadas ao planejamento urbano, gestão ambiental, desenvolvimento regional, políticas públicas e muitos outros campos.

Em resumo, a Geografia é uma disciplina integrativa, que investiga a relação entre os seres humanos e o ambiente físico buscando compreender os padrões, processos e mudanças que ocorrem na superfície terrestre. Desta forma, a Geografia desempenha um importante papel no que tange a compreensão do processo de organização e reorganização do espaço territorial e suas interações sócio-políticas e econômicas.

A Geografia na História

A origem da Geografia remonta a história de antigas civilizações, que contribuíram de forma decisiva para os primeiros conhecimentos dos quais se tem informações e que constituem a base dos primórdios do conhecimento geográfico. Em outras palavras, nos primórdios da civilização humana, diversas foram as pessoas que começaram a despertar o interesse em querer saber sobre seu ambiente e a procurar compreender o mundo ao seu redor, resultando assim na gênese do que conhecemos como Geografia.

As antigas civilizações, a exemplo das civilizações mesopotâmica, egípcia, chinesa e grega, foram as que primeiro forneceram importantes pensamentos e contribuições para o início do desenvolvimento da Geografia. Na Mesopotâmia, por exemplo, os sumérios desenvolveram alguns dos primeiros mapas conhecidos, enquanto as cheias anuais do rio Nilo no Egito Antigo, influenciaram a compreensão da relação entre a geografia física e a sociedade humana. Na Grécia Antiga, pensadores como Heródoto – que ficou conhecido como “Pai da História” – e Estrabão foram essenciais para a sistematização do conhecimento geográfico. Logo, a formalização da Geografia enquanto disciplina acadêmica é atribuída geralmente a esses dois antigos pensadores gregos.

Uma das primeiras investigações geográficas realizadas e que está diretamente relacionada às características físicas e humanas da Terra, foi promovida por Heródoto, no século V a.C.; uma de suas obras, conhecida como “Histórias”, incluía, além de lugares, povos e suas interações, contribuindo assim para o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Outro importante geógrafo da antiguidade, foi Estrabão, que viveu durante o período do grande Império Romano, mais precisamente entre o século I a.C. e o século I d.C. Estrabão escreveu uma "Geografia", uma obra abrangente que compilou o conhecimento geográfico de sua época, discutindo temas como topografia, clima, recursos naturais e as características dos povos do mundo conhecidos.

Durante a Idade Média, os trabalhos geográficos foram altamente influenciados pelas contribuições dos árabes, que preservaram e expandiram o conhecimento geográfico greco-romano. Os viajantes e exploradores europeus durante a era das Grandes Navegações (séculos XV-XVII), que demarca a gênese do Modo Capitalista de Produção, também desempenharam um importante papel na expansão do conhecimento geográfico, mapeando novas terras encontradas e descrevendo suas características.

Nota-se, portanto, que a formalização da Geografia como uma disciplina acadêmica ocorreu ao longo do tempo, através de contribuições de diversas culturas e períodos históricos. Desta forma, sua história só pode ser entendida através do conhecimento das primeiras civilizações, relacionadas ao mundo do pensamento filosófico e da busca pelo conhecimento, a partir da curiosidade sentida pelos povos do passado.

FILOSOFIA E GEOGRAFIA

A Filosofia desempenha um papel fundamental na Geografia, fornecendo um arcabouço conceitual e metodológico para compreender e interpretar a organização socioespacial no mundo. Podemos destacar algumas maneiras com as quais a Filosofia contribui de forma relevante para o desenvolvimento da Geografia. A Geografia é uma ciência social que se baseia em princípios e métodos científicos, portanto, a filosofia da ciência oferece percepções sobre como o conhecimento geográfico, historicamente, é produzido, validado e aplicado.

Neste contexto, destaca-se a epistemologia, uma vez que a Filosofia investiga a natureza do conhecimento e como o conhecimento é adquirido. Como a Geografia lida com questões de como percebemos, representamos e interpretamos o espaço geográfico, a epistemologia é crucial para o avanço da ciência geográfica.

Na Geografia, questões ontológicas estão presentes ao considerar o que constitui o espaço, como ele é organizado e quais são suas propriedades. Logo, a ontologia, que é

o ramo da Filosofia que estuda a natureza da realidade e da existência, é de extrema relevância para o conhecimento geográfico.

Outros princípios da Filosofia que são fundantes no desenvolvimento da Geografia são a ética e a estética. A primeira aborda questões de valor e moralidade. E na Geografia, isso é relevante ao estudar questões como justiça espacial, distribuição de recursos e responsabilidade ambiental. A Filosofia, junto ao princípio da estética, investiga questões relacionadas à beleza, à arte e à percepção sensorial. Portanto, a estética é importante na geografia por se preocupar com a análise de como as paisagens naturais e culturais são construídas, percebidas e representadas.

A Geografia está intrinsecamente ligada a questões políticas tais como fronteiras, territorialidade e poder. A Filosofia política fornece uma estrutura fundamental para analisar e entender essas relações de poder no contexto socioespacial e socioterritorial.

Por último, temos a linguagem, que desempenha um papel crucial na construção do conhecimento geográfico. Nestes termos, a Filosofia da linguagem ajuda a entender como os conceitos geográficos são formulados, comunicados e interpretados. Em síntese, a Filosofia oferece uma base teórica e crítica para a Geografia, ajudando os geógrafos e as pessoas a refletirem sobre suas práticas, pressupostos e objetivos. Portanto, pode-se inferir que, ao incorporar as perspectivas filosóficas, a Geografia pode se tornar mais reflexiva, contextualizada e socialmente comprometida com a transformação social.

KANT E A GEOGRAFIA

A influência de Immanuel Kant na geografia é significativa, principalmente através de suas contribuições para a epistemologia e a filosofia da ciência. Embora Kant não seja um geógrafo por profissão, suas ideias sobre espaço, tempo e conhecimento tiveram um impacto profundo no desenvolvimento da disciplina geográfica.

Kant influenciou a Geografia através da formulação de importantes conceitos, como, por exemplo, espaço e tempo. Em sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant discute a natureza do espaço e do tempo como formas a priori da sensibilidade humana. Ele argumenta que o espaço e o tempo não são propriedades objetivas do mundo externo, mas sim estruturas mentais que organizam nossa experiência sensorial. Essa perspectiva

influenciou os geógrafos, especialmente aqueles interessados na compreensão da percepção e representação do espaço geográfico.

Kant defendeu a ideia de que a Geografia é uma ciência empírica legítima, baseada na observação e na experiência. O filósofo reconheceu a importância da Geografia na descrição e classificação da diversidade natural e humana da Terra.

Kant enfatizou a capacidade humana de raciocínio e compreensão universal, independentemente de diferenças culturais ou históricas. Portanto, ao abordar a *universalidade da razão humana*, essa abordagem universalista irá ressoar na Geografia, que vai buscar princípios gerais e leis que se apliquem a diferentes lugares e contextos.

A ideia sobre cosmopolitismo, defendida pelo filósofo alemão, que argumenta sobre os seres humanos serem cidadãos de um mundo global interconectado. Essa perspectiva tem afinidade com abordagens geográficas que enfatizam a interdependência e a interconexão dos sistemas naturais e sociais em escala global. Kant desenvolveu ainda uma abordagem crítica da razão e do conhecimento científico, que influenciou o pensamento geográfico sobre a natureza do conhecimento geográfico e o papel do geógrafo como intérprete e mediador entre o observador e o objeto observado.

Em suma, as ideias de Kant sobre espaço, tempo, conhecimento e razão tiveram um impacto profundo na forma como os geógrafos concebem e estudam o mundo. Sua abordagem crítica e sua ênfase na universalidade do conhecimento humano continuam a inspirar geógrafos e pesquisadores em todo o mundo.

A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA

A Geografia é uma ciência que estuda a superfície terrestre, os processos que a moldam, a distribuição dos seres humanos e dos recursos naturais sobre ela, bem como as interações entre o ambiente e as sociedades humanas. “A Geografia ganha contornos de cientificidade por volta do século XIX, porém este ramo do conhecimento está presente desde as primeiras mudanças que o homem empregou em seu lugar de vivência” (Denez; Fajardo, 2012, p. 97). Como ciência, a Geografia se baseia em observações empíricas, teorias, métodos e técnicas de pesquisa para compreender e explicar os fenômenos geográficos.

Dentre as características que definem a Geografia como ciência, pode-se citar a interdisciplinaridade. Logo, a Geografia é uma ciência interdisciplinar que incorpora

conceitos, teorias e métodos de diversas áreas do conhecimento como geologia, climatologia, biologia, sociologia, economia, entre outras. Essa abordagem interdisciplinar permite uma compreensão mais abrangente e integrada dos fenômenos geográficos.

Uma outra característica central da Geografia é a *abordagem espacial*, na qual sua ênfase está na análise e compreensão das distribuições espaciais dos fenômenos naturais e humanos. Isso envolve a análise de padrões, processos e interações que ocorrem em diferentes escalas geográficas, desde o local até o global.

De acordo com Denez e Fajardo (2012, p. 99)

O espaço como objeto de estudo da Geografia tem sido foco de debates entre geógrafos e tem sofrido transformações ao longo do tempo levando a uma evolução do seu conceito e a sua multiplicidade conforme a matrizes filosóficas e teóricas.

A ciência geográfica utiliza uma variedade de métodos de pesquisa, onde inclui a observação direta, a coleta de dados em campo, o sensoriamento remoto, o uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), a modelagem espacial, a análise estatística e pesquisa bibliográfica. Esses métodos são aplicados para coletar, analisar e interpretar informações sobre o ambiente físico e humano.

É importante salientar que a ciência geográfica, em seus estudos, busca uma compreensão holística e integrada dos sistemas terrestres, considerando as interações complexas entre os componentes físicos, biológicos, sociais, culturais, econômicos e políticos do espaço-ambiental. Isso implica reconhecer a interdependência entre os diferentes elementos do sistema terrestre e sua influência nas sociedades humanas.

Além de seu papel na produção de conhecimento científico, a Geografia também tem *aplicações práticas* em várias áreas, como planejamento urbano e regional, gestão ambiental, tomada de decisões políticas, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento territorial, previsão de desastres naturais e análise de mercado, entre outros.

Desde que a Geografia alcançou o status de ciência, entre o final do séc. XVIII e início do séc. XIX, um dos grandes e maiores debates em torno de seus conhecimentos tem sido alusivo ao seu objeto de estudo. Na atualidade, tomando como referência argumentos de geógrafos como os professores Roberto Lobato Corrêa e Milton Santos, entende-se que a Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico. Dessa forma, é possível definir a Geografia como *a ciência da organização espacial*.

Ao longo dos séculos, a Geografia continuou a se desenvolver, incorporando influências de várias culturas e épocas. Durante a época da realização das Grandes

Navegações (séculos XV-XVII), a Geografia foi fortemente impulsionada pelos relatos de viajantes e exploradores que mapearam novas terras e descreveram suas características.

No século XIX, a Geografia moderna começou a emergir como uma disciplina acadêmica formal, com a aplicação de métodos científicos para estudar a Terra e suas características. Geógrafos como os alemães Alexander von Humboldt e Carl Ritter foram importantes para o desenvolvimento da Geografia moderna.

Alexander von Humboldt (1769-1859) foi um cientista cujas explorações e pesquisas abrangeram uma ampla gama de disciplinas, incluindo geografia, geologia, botânica, climatologia e oceanografia. Suas obras mais conhecidas incluem *Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente* e *Cosmos: Ensaio de uma Descrição Física do Mundo*. Humboldt enfatizou a importância da interconexão entre os diferentes elementos da natureza e defendeu uma abordagem holística para o estudo da Terra.

Carl Ritter (1779-1859) é frequentemente considerado o pai da moderna geografia comparativa. Ritter foi responsável pelo desenvolvimento do conceito de *geografia morfológica*, que enfatizava a análise das formas e características da superfície da Terra para entender os processos físicos e humanos que as moldaram. Ritter foi um dos primeiros a defender a ideia de que a Geografia deveria ser estudada de forma sistemática e comparativa, levando em consideração as semelhanças e diferenças entre diferentes regiões do mundo. Suas obras mais influentes incluem *Geografia Comparativa do Planeta Terra* e *Geografia Geral Comparativa*.

Nota-se, portanto, que ambos os geógrafos contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da Geografia como disciplina acadêmica, estabelecendo fundamentos teóricos e metodológicos que influenciaram gerações futuras de estudiosos. Suas abordagens pioneiras para o estudo da Terra continuam a ser relevantes e inspiradoras para os geógrafos contemporâneos.

O desenvolvimento de tecnologias como a fotografia aérea e os sistemas de posicionamento global (GPS) no século XX trouxeram novas ferramentas para os geógrafos investigarem e mapearem o espaço geográfico mundial de forma mais precisa.

A Geografia, em resumo, compreende uma ciência que estuda a superfície terrestre e as interações entre os elementos naturais e humanos que a compõem. Sua abordagem interdisciplinar, foco espacial, métodos de pesquisa diversificados e preocupação com questões práticas a tornam uma disciplina fundamental para entendermos o mundo em que vivemos.

A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR

A Geografia é uma disciplina com características variadas e peculiares, que abrange uma ampla gama de subcampos, incluindo Geografia Física, Geografia Humana, Geografia Econômica, Geografia Política e muitas outras. Ela continua a evoluir à medida que novas questões e desafios globais surgem, desempenhando um papel fundamental na compreensão e na gestão do espaço geográfico mundial, que vive em constante mudança.

A Geografia é uma disciplina que estuda os processos que moldam a organização do espaço mundial, bem como a distribuição dos seres humanos e dos recursos naturais existentes na natureza. Hoje, portanto, a Geografia desempenha um papel crucial na compreensão e resolução de desafios globais, fornecendo percepções sobre as interações entre o ambiente natural e as sociedades humanas.

Embora a Geografia moderna seja frequentemente considerada uma ciência e uma disciplina separada, ela apresenta uma profunda interconexão com a História em várias maneiras, como, por exemplo, a Geografia histórica. A Geografia histórica é um campo interdisciplinar que combina elementos da geografia e da história para estudar como as paisagens e os padrões espaciais mudaram ao longo do tempo. Isso inclui a análise de mapas antigos, a evolução das fronteiras políticas e as mudanças na distribuição de populações e recursos.

Neste sentido, portanto, a Geografia desempenha um papel fundamental na moldagem da história humana. Fatores geográficos como clima, relevo, recursos naturais e localização influenciam onde as civilizações se desenvolvem, como as pessoas se movem e interagem e até mesmo as formas de governo e economia que surgem em determinadas áreas.

A Geografia ajuda a explicar os padrões de migração humana e colonização ao longo do tempo. Por exemplo, o estudo das rotas comerciais antigas como a Rota da Seda, ou as rotas de migração de povos antigos, como os indo-europeus. A Geografia oferece percepções específicas sobre como os povos interagiram e se espalharam através de diferentes regiões geográficas.

Através da Geografia, é possível entender como os seres humanos modificaram e adaptaram o ambiente ao longo da história para atender às suas necessidades. Isso inclui o desenvolvimento de sistemas agrícolas, cidades e infraestruturas, bem como a criação de paisagens culturais distintas em diferentes partes do mundo.

As relações entre países e as dinâmicas geopolíticas muitas vezes têm raízes em fatores geográficos e históricos. Por exemplo, disputas territoriais entre nações podem ser influenciadas por características geográficas como fronteiras naturais, recursos naturais compartilhados ou acesso estratégico a rotas comerciais. Portanto, embora a Geografia seja frequentemente considerada uma disciplina separada, sua interseção com a História é profunda e complexa, fornecendo uma compreensão mais rica e holística do mundo e das sociedades humanas ao longo do tempo.

PRINCIPAIS ESCOLAS DA GEOGRAFIA

A Geografia é uma disciplina ampla e diversificada, que abrange uma variedade de abordagens teóricas e metodológicas. Ao longo do tempo, várias escolas de pensamento surgiram para tentar compreender e interpretar o mundo de diferentes maneiras. Algumas das principais Escolas de Geografia são:

Escola Regional: Esta abordagem enfatiza a análise das características geográficas de uma determinada região, com foco em seus aspectos físicos, humanos e culturais. Os geógrafos regionais procuram entender as especificidades de uma área específica e como elas afetam a vida das pessoas que ali habitam.

Geografia Humanística: Esta escola de pensamento destaca a importância das experiências e percepções humanas na compreensão do mundo. Os geógrafos humanistas exploram como os seres humanos atribuem identidade aos lugares e como suas são moldadas pelo ambiente.

Geografia Quantitativa: Esta abordagem utiliza métodos quantitativos e análises estatísticas para investigar padrões e processos geográficos. Os geógrafos quantitativos aplicam técnicas matemáticas e computacionais para modelar especificidades geográficas e fazer variações.

Geografia Crítica: Esta escola de pensamento examina as relações de poder e as injustiças sociais presentes no espaço geográfico. Os geógrafos críticos buscam entender como as estruturas políticas, econômicas e sociais moldam a distribuição desigual de recursos e oportunidades.

Geografia Pós-estruturalista: Esta abordagem desafia as noções tradicionais de espaço, lugar e território, explorando como as identidades e as relações sociais são

construídas e contestadas. Os geógrafos pós-estruturalistas enfatizam a multiplicidade de perspectivas e as narrativas divergentes que coexistem no mundo.

Geografia Cultural: Esta escola de pensamento examina as interações entre as culturas humanas e o ambiente físico. Os geógrafos culturais exploram como as práticas culturais, pensam e valores moldam a paisagem e influenciam as percepções das pessoas sobre o espaço.

Essas são apenas algumas das principais escolas de Geografia e é importante notar que muitos geógrafos adotam abordagens interdisciplinares, combinando diferentes perspectivas teóricas e metodológicas para questões geográficas complexas.

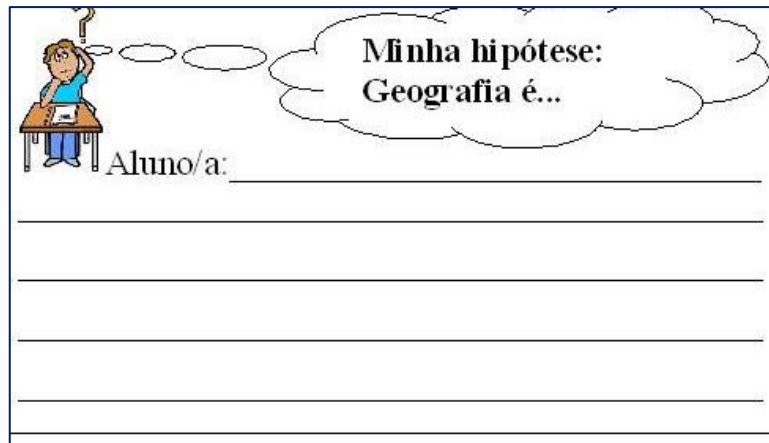
PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. O QUE É GEOGRAFIA?

1ª Atividade: aproximadamente 60 minutos.

- ✓ Caro(a) educador(a), procure estimular os(as) educandos(as) a pensar, para isso elabore questionamentos sobre o que é Geografia.
- ✓ - Alguém sabe o que é Geografia?
- ✓ - O que estudamos e o que aprendemos nas aulas de Geografia?
- ✓ Divida uma folha de papel A4, em 3 partes e entregue para as/os educandas/os. Solicite que elas/es escrevam suas opiniões: o que pensam ou conhecem sobre Geografia.
- ✓ Caso seja possível faça uma ficha conforme a sugestão apresentada a seguir:

Imagem 1: Ficha 1



Minha hipótese:
Geografia é...

Aluno/a: _____

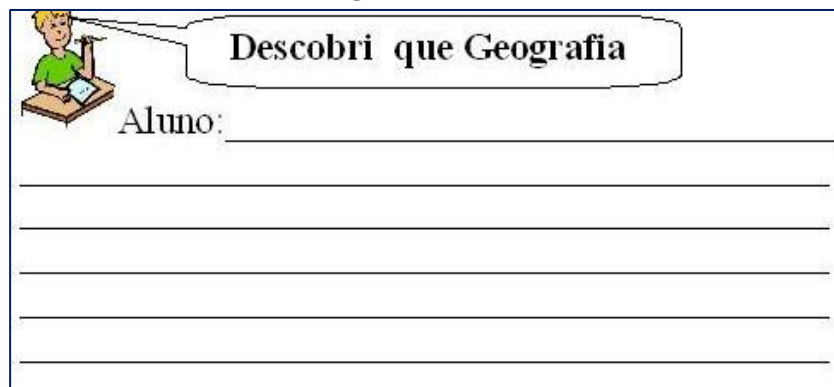
Fonte: CD Cliparts&Cia. disc Nº 05 e 06.

Depois de escreverem, recolha as fichas e guarde-as para que as/os educandas/os possam confrontar o que pensavam antes e depois de pesquisarem.

2. PESQUISANDO NO DICIONÁRIO

Educador/a, solicite que procurem no dicionário o significado da palavra Geografia e registrem no caderno. Se quiser, pode fazer outra ficha. Para economizar na reprodução da ficha, aproveite a folha e reproduza várias fichas em uma só cópia.

Figura 2: Ficha 2



Descobri que Geografia

Aluno: _____

Fonte: CD Cliparts&Cia. disc Nº 05 e 06

"Geografia é uma ciência que estuda as características da superfície do planeta Terra, os fenômenos climáticos e a ação do ser humano no meio ambiente e vice-versa".

Fonte: http://www.suapesquisa.com/geografia/conceito_geografia.htm

2ª Atividade: aproximadamente 60 minutos.

✓ Veja o texto que a equipe da Área de Geografia da Eseba – Escola de Educação Básica da UFU produziu para os alunos do Ensino Fundamental Inicial:

- Você gosta de Geografia?
- Você gosta de Geografia ou vai gostar? Por quê? Porque você vive com ela desde o dia que você nasceu. Ela o acompanha até hoje, talvez sem você perceber e sem dar este nome.

- Veja, você vive em um lugar. Você se relaciona com as pessoas que o cercam. Você ocupa um lugar nesse espaço que você vive.

- A cada instante você aprende GEOGRAFIA e vive a GEOGRAFIA. Como? Através das observações pessoais e das conversas com as outras pessoas. Por meio do estudo, da televisão, do rádio, dos jornais, das revistas entre outros.

- Para estudar GEOGRAFIA é necessário:

Ter interesse para a leitura de textos informativos de jornais, livros ou revistas; Destacar a informação básica, ou seja, a ideia central contida no texto; Conhecer o significado das palavras a partir das definições do próprio texto e/ou com recurso do dicionário; Selecionar os dados do texto que interessam aos objetivos propostos; Observar, analisar e comparar gráficos, mapas, desenhos e fotografias; Trocar ideias com os colegas e professores; Concluir sobre a questão em estudo; Desenvolver o senso crítico e criativo.

Fonte: Texto produzido pelos/as professores/as da Área de Geografia – ESEBA/UFU.

Faça uma ilustração do texto.

EXPLORANDO O TEXTO

- ✓ Educador(a), solicite que os(as) educandos(as) leiam silenciosamente o texto.
- ✓ Depois que todos já leram questione-os sobre o que fala o texto e qual é a ideia central. Em seguida pergunte-os sobre o que acharam mais interessante no texto. Discuta sobre cada item necessário para o estudo da GEOGRAFIA.

TAREFA DE CASA

- ✓ Educador(a), solicite os(as) educandos(as) que:
 - De uma janela de sua casa, observe a paisagem que vê.

- Faça um desenho com um colorido bem bonito tentando se aproximar das cores reais da paisagem que observou e traga para a próxima aula. Solicite ainda para colocar seu nome e a data da atividade.

3ª Atividade: aproximadamente 60 minutos.

CONFECIONANDO O MURAL

Educador(a), confeccione junto com os(as) educandos(as) o mural com os desenhos que eles fizeram a partir da observação da paisagem, para isso solicite que antes de colarem no papel, mostrem para a turma o que desenharam e descrevam a sua paisagem. Depois que todos colarem, solicite que comparem as paisagens representadas e encontrem semelhanças e diferenças entre elas.

CONFRONTANDO AS HIPÓTESES

Educador/a, agora, depois que as/os educandas/os já viram um pouco do que é GEOGRAFIA, proponha que comparem o que pensavam antes e o que pensam agora. Para isso, devolva a ficha com as hipóteses e a ficha com a pesquisa que fizeram anteriormente, no dicionário. Faça perguntas sobre o que observaram e o que foi apresentado durante as aulas.

Essa atividade foi extraída da aula **O que é Geografia?** da professora Denize D. C. Rizzotto - Uberlândia/MG, disponível no Portal do Professor/MEC. Acesso em 21/02/2024. Todas as informações contidas são de responsabilidade do autor.

UNIDADE II

2. GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS

A relação entre Geografia e Educação do Campo é crucial, pois a Geografia desempenha um papel fundamental na compreensão e valorização dos contextos rurais e agrários. Apresentamos abaixo algumas maneiras das formas de contribuição dos conhecimentos da Geografia para o desenvolvimento do diálogo e o avanço da Educação do Campo.

Destaca-se, portanto, em primeiro lugar o *estudo da ruralidade*. A Geografia permite uma análise aprofundada dos espaços rurais, incluindo características físicas, econômicas, sociais e culturais. Isso é essencial para entender a vida nas áreas rurais e reconhecer a diversidade de experiências e realidades vivenciadas pelas populações que vivem e se reproduzem do campo, das águas e das florestas.

Outro ponto importante é a *abordagem multidisciplinar*, uma vez que a Geografia incorpora uma variedade de perspectivas, incluindo aspectos físicos, humanos e ambientais. Isso é especialmente relevante para a Educação do Campo, das Águas e das Florestas, que abrange temas relacionados ao desenvolvimento da agricultura, a economia rural, a sustentabilidade ambiental, a agroecologia, as políticas agrárias, entre outros.

A Geografia também pode contribuir para promover a *consciência ambiental* ao estudar as interações entre as atividades humanas e o meio ambiente natural. Tais questões apresentam-se essenciais para os estudos da Educação do Campo, das Águas e das Florestas, que, muitas vezes, estão relacionadas à gestão sustentável dos recursos naturais e à mitigação dos impactos ambientais da agricultura e o desenvolvimento de outras práticas rurais.

A Geografia fornece leituras e percepções sobre os processos de *desenvolvimento territorial rural*, incluindo fatores que influenciam o crescimento econômico, a distribuição de recursos, ao desenvolvimento da produção da agricultura, as mudanças demográficas e a infraestrutura rural. Esses conhecimentos são importantes para promover políticas e programas eficazes de desenvolvimento territorial rural e para melhorar as condições de vida nas populações rurais e tradicionais que vivem no campo, nas águas e nas florestas da Amazônia e do Brasil.

A Geografia reconhece a importância da *valorização da cultura e da identidade locais* na formação dos espaços rurais. Isso é essencial para a Educação do Campo, das Águas e das Florestas, que busca valorizar e preservar as tradições culturais, as práticas agrícolas, as formas e os modos de vida e os conhecimentos tradicionais das populações rurais existentes no país.

O *empoderamento das comunidades e/ou das populações tradicionais do campo, das águas e das florestas* é outro aspecto de fundamental relevância à Geografia e à Educação do Campo, pois, ao fornecer uma compreensão abrangente dos espaços rurais e dos desafios enfrentados pelas populações do campo, das águas e das florestas, a Geografia pode capacitar os sujeitos-territórios dos espaço rurais a participar ativamente do planejamento, da organização e da gestão de seus territórios, promovendo assim o desenvolvimento territorial local, bem como a autonomia dos sujeitos coletivos.

A Geografia, em suma, desempenha um papel fundamental na Educação do Campo, das águas e das florestas, contribuindo ao despertar da consciência dos sujeitos coletivos que vivem e se reproduzem do campo, das águas e das florestas, fornecendo ferramentas e conhecimentos necessários para compreender, valorizar e promover o desenvolvimento sustentável das áreas rurais. Ao integrar conceitos geográficos ao currículo educacional, é possível fortalecer os laços entre as populações do campo e seu ambiente, além de capacitar esses sujeitos-territórios a enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades associadas à vida rural.

O ENSINO DA GEOGRAFIA

O ensino da Geografia, enquanto ciência e disciplina que estuda o processo de (des)organização e reorganização socioespacial e socioterritorial, nos últimos anos, tem ganhado importante relevância na reflexão sobre a realidade do espaço brasileiro. Na Amazônia, em especial no Estado do Amazonas, não é diferente. A Geografia tem sido importante na elaboração de debates e contribuições no que tange o processo de formação dos sujeitos-territórios que militam, pesquisam e estudam na área da Educação do Campo, das Águas e das Florestas.

Neste sentido, é preciso compreender que na atual conjuntura, os temas abordados pela Geografia desempenham importante papel no esclarecimento das condições de vida e de organização do espaço geográfico no campo brasileiro e

amazônico. Entender de que forma são produzidas a estrutura agrária e de produção agrícola no campo, bem como seus impactos sobre as populações que vivem e se reproduzem na/da terra, nas águas e nas florestas, é apenas uma das possíveis contribuições da Geografia aos estudos da Educação do Campo. A Geografia contribui, sobremaneira, nos estudos sobre os reflexos do avanço do capitalismo no campo, bem como na concentração da terra e da renda e no contexto do modelo de desenvolvimento da agricultura, dos debates sobre a reforma agrária e os movimentos sociais e sindicais do campo.

Os estudos da Geografia são fundamentais na formação dos sujeitos-territórios da Educação do Campo, das Águas e das Florestas. O ensino da Geografia vem tendo, cada vez mais, uma contribuição decisiva nas reflexões sobre o quadro da realidade socioespacial da Amazônia, mas também no processo de formação dos cursos de Educação do Campo, logo, o ensino da Geografia dentro e fora das salas de aula é um dos pontos de partida para que as/os educandas/os dos espaços de vivências tradicionais percebam a importância da valorização dos seus territórios e da agricultura familiar/camponesa.

Compreendemos que os estudos da Geografia pode proporcionar a construção de uma nova relação entre os sujeitos e os seus territórios de reprodução material e sociogeográfica, fazendo-os entender que somente a partir da valorização do modo de vida dos sujeitos-territórios do campo, das águas e das florestas é que a natureza, logo, a Terra, assumirá seu primordial objetivo, que é de cultivar alimentos limpos e saudáveis para a manutenção da vida humana.

Entendemos modo de vida

pela forma como os moradores percebem, vivem e concebem o espaço, mediados pelo conjunto de suas práticas cotidianas e por sua história, posição que ocupam na sociedade envolvente e forma específica que assegura a sua reprodução social, constituindo-se no modo pelo qual o grupo social manifesta sua vida (Suzuki, 2013, p. 633).

“O Brasil, na atual conjuntura, é visto como um ‘celeiro’ de produção para o mundo, visão baseada no avanço do agronegócio no território nacional” (Fernandes, 2018, p. 31). Logo, em tempos que o espaço rural brasileiro e amazônico vem sofrendo com a ocupação desordenada e a expansão do capital em direção ao campo, provocando uma desestruturação das relações de trabalho e o aprofundamento da proletarização do trabalhador rural. “Essa ocupação desordenada resultou em sérias violações de direitos

de populações locais, mas não aconteceu sem resistências e oposições das populações amazônicas” (Sauer; Almeida, 2011, p. 16).

É de suma importância que os estudos da Educação do Campo, das Águas e das Florestas se consolidem e aprofundem suas análises sobre a realidade da estrutura do campo brasileiro e amazônico, consubstanciando seus debates e suas intervenções político-pedagógicas com o intuito de melhor pensar a organização socioespacial, bem como elaborar políticas de resistências, para combater as ações da modernização conservadora do campo e que tem como representante o agronegócio.

Faz-se, aqui, importante destacar que

O agronegócio na acepção brasileira do termo é uma associação do grande capital agroindustrial com a grande propriedade fundiária. Essa associação realiza uma estratégia econômica de capital financeiro, perseguindo o lucro e a renda da terra, sob patrocínio de políticas de Estado (Delgado, 2005 p. 66).

No Brasil, nas últimas décadas, o espaço agrário e os trabalhadores do campo cada vez mais vêm sendo alvo das investidas da associação entre o grande capital e as grandes propriedades fundiárias, que seguem a todo o custo o receituário das ingerências da política neoliberal. Os resultados dessas medidas políticas são: o controle de todos os setores da economia, a subordinação da produção ao mercado, a sujeição da vida das classes trabalhadoras, a perda de direitos trabalhistas etc., além da precarização da força de trabalho (do trabalho vivo), que “em geral assume formas sócio-histórico-geográficas diferenciadas ao longo do processo de desenvolvimento do capitalista” (Thomaz Jr., 2008, p. 284), seja no campo ou na cidade.

Nesta lógica, condena-se, significativas parcelas da sociedade brasileira e amazônica ao mundo da pauperização e da diminuição da condição de ser humano.

Municiado por esses referenciais o capital em nível internacional se propõem:
a) sufocar a resistência dos camponeses, das comunidades nativas, indígenas, pescadores atingidos por barragens, operários urbanos e rurais, desempregados, subempregados, para implementar a expropriação e a sujeição dos camponeses, sendo que, ao recriá-los, subordina-os com mais intensidade;
b) blindar qualquer forma de acesso à terra que não seja via mercado;
c) deteriorar e precarizar as condições de trabalho [...] (Thomaz Jr., 2008, p. 287).

O diálogo entre a Geografia e a Educação do Campo, das Águas e das Florestas é vital para a construção de territórios de resistências, que sejam alternativos a produção de uma outra agricultura, que esteja em consonância com a realidade histórica, cultural e socioespacial dos sujeitos que vivem e se reproduzem da terra.

A Educação do Campo, das Águas e das Florestas, a partir do diálogo com os ensinamentos da Geografia, segue promovendo os territórios da Pedagogia do Campo e da Terra, no intuito de consolidar no *território dos debates* a territorialidade de uma educação geográfica camponesa, ribeirinha e agroextrativista.

A EDUCAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS

A Educação do Campo, das Águas e das Florestas compreende uma matriz de conhecimentos e debates, além de visões de mundo em permanente disputa no espaço acadêmico da atualidade. O território da Educação do Campo, das Águas e das Florestas defende e faz uso de práticas pedagógicas cabalmente distintas do modelo de educação ensinado no espaço das escolas formais.

Compreendemos que, a partir da proposição dos estudos dos ensinamentos da Geografia no Curso de Pedagogia do Campo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)/Campus Carauari, a Instituição é tencionada a atender as demandas dos sujeitos-territórios do campo, analisando suas demandas, bem confrontando suas realidades com o processo de organização do espaço e da vida no campo pelo capital, trazendo para o embate os diferentes projetos de educação.

O projeto de educação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas não pode ser confundido com o mesmo projeto educacional que se faz uso e é encontrado na grande maioria das escolas formais. Pensar a educação em conjunto com os sujeitos-territórios que vivem e se reproduzem do trabalho da agricultura familiar/camponesa, é tratar de um outro projeto de organização política, social e também cultural. Conforme observa Fernandes (2012, p. 15).

Para tratar da educação para o trabalho familiar é necessário pensar no trabalho associativo, cooperativo na perspectiva do desenvolvimento territorial das unidades camponesas ou da agricultura familiar. E esta não é uma educação voltada para a competitividade destruidora, mas sim para a solidariedade criadora.

O território da Educação do Campo, das Águas e das Florestas não é o *território da perversidade do capital*, que reproduz a visão de mundo dominante no espaço das escolas formais, ou seja, que apregoa a visão de que os sujeitos do campo devem sair de seus espaços de vivência para reproduzir o modo de vida urbano, fazendo do campo uma extensão da cidade.

Nesta linha de pensamento, Mesquita (2011, p. 50) destaca que, a

Amazônia é o território *par excellence* do grande capital dominado por grandes predadores que atuam em escala mundial e, portanto, apáticos a questões locais, internas e pequenas, tipo de desenvolvimento local ou mesmo aspectos de longo prazo como a questão ambiental e a biodiversidade.

A Educação do Campo, das Águas e das Florestas trabalha e defende a construção de um território que faz dos seus sujeitos protagonistas de sua própria história, construtores de realidade culturais e geográficas que tem na terra e na natureza, a essência de sua reprodução e existência humana. O território, como depreende Bagnasco (1977), é resultado e condição da dinâmica socioespacial, na qual se sucedem agregações territoriais, por mudanças/ inovações e por permanências sociais. Segundo Saquet (2010, p. 69) “o território, como conceito, tem componentes *materiais e psicológicos*, ligados à vida social de grupos separados e interdependentes que organizam o espaço e estão em movimento, superando os limites e as fronteiras”.

No Brasil e nas Amazônia, a exemplo da Amazônia da Reserva Extrativista do Médio Juruá e da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari, localizadas no município de Carauari-AM, as identidades são diversas e promovem a produção e reprodução de territórios e territorialidades diferentes, seja nos coletivos da classe trabalhadora, seja na conflitualidade com o território do capital.

Segundo Thomaz Júnior (2008, p. 281),

[...] identidades diversas que se constroem na luta social, tais como os assentados, produto da luta pela terra no Brasil {...}, que inauguram um novo capítulo na história do campesinato e da classe trabalhadora deste país; os povos da floresta; os posseiros; os ribeirinhos; os pescadores artesanais lavradores; os foreiros; os parceiros; os castanheiros; os açazeiros; os arrendatários não capitalistas; os cessionários; os quilombolas; os povos indígenas camponeizados.

Neste contexto, observa-se que são diversos os territórios e as territorialidades constituídas no interior do espaço amazônico. Cada coletivo dos sujeitos-territórios, que compreende a classe trabalhadora, produz e realiza uma dinâmica socioespacial de acordo com sua realidade cultural, histórica e geográfica. E assim vão construindo, contraditoriamente, por dentro da lógica do metabolismo da reprodução capitalista, seus territórios de resistência.

Apesar de notoriamente excluídos do cenário da luta pela terra, é onde também os camponeses resistem com suas famílias e conseguem manter seus valores e significados culturais de sua sociabilidade, e que através de diferentes estratégias e interesses se reproduzem no âmbito da própria relação contraditória com o capital (Thomaz Jr., 2008, p. 290).

Portanto, com base na afirmação acima, podemos inferir que, a reprodução do modo de vida da classe trabalhadora camponesa, é produto da própria lógica da produção capitalista, que para se reproduzir, necessita, contraditoriamente, gerar e manter a exploração do trabalho e dos trabalhadores no/do campo. Neste sentido, “É imprescindível apostar na resistência e na busca de alternativas para a construção da autonomia dos trabalhadores” (Thomaz Jr., 2008, p. 295).

Logo, o território do campo da Educação do Campo, das Águas e das Florestas é entendido como palco da realização de suas atividades econômicas e culturais, e não como espaço de exploração do trabalho. O campo, para a Educação do Campo, das Águas e das Florestas, é o espelho da reprodução do modo de vida da agricultura familiar/camponesa, e não o campo da produção do agronegócio.

A Educação do Campo, das Águas e das Florestas luta e busca promover a construção de um outro modelo de desenvolvimento da agricultura e do uso da terra. Luta e busca construir um novo projeto de campo para país e para as Amazônias, um projeto de campo onde a classe trabalhadora possa não apenas produzir para a sua reprodução – como já vem fazendo, mas também que ultrapasse as fronteiras do mercado e sirva à sua realização social e humana. Assim sendo, faz-se necessário a construção de um novo projeto de campo, desde sua raiz até o preâmbulo da essência da vida dos indivíduos em sua coletividade, como os sujeitos-territórios que vivem e se reproduzem do campo, das águas e das florestas.

Assim a construção do novo desde a raiz, longe de nos reservarmos às receitas ou às expectativas com datas marcadas, contém novos referenciais que põem em xeque o interior dos processos, os fenômenos, as organizações, os trabalhadores, as pessoas, ou seja, nada que se conforma tão-somente à esfera agrária poderia conter a realidade social, as demandas do conjunto dos trabalhadores que ultrapassam as fronteiras preestabelecidas para buscarmos sobrevivência e novas alternativas de vida (Thomaz Jr., 2008, p. 300).

A Educação do Campo, das Águas e das Florestas busca nos estudos da Geografia, a fundamentação teórica para pensar a práxis de uma pedagogia transformadora, uma práxis que corrobore com a consciência individual e coletiva dos sujeitos-territórios, em busca da emancipação humana. A Educação do Campo, das Águas e das Florestas, vai sendo parte de uma totalidade transformadora, constituída,

contraditoriamente, por dentro da educação formal, rompendo barreiras, ressignificando o processo de ensino-aprendizagem e construindo resistências, mediante a formulação de novos territórios de resistências da educação.

Historicamente, a Educação do Campo, das Águas e das Florestas tem empreendido uma luta que não se restringe apenas ao direito do acesso à educação, por que compreende, ao mesmo tempo, uma luta pelo direito do acesso à terra, direito à produção, à saúde, em suma, o direito a condições de vida digna. Uma vida, em que os trabalhadores do campo, camponeses, quilombolas, pequenos produtores, açazeiros, castanheiros, indígenas, pescadores, ribeirinhos camponeizados, não sejam obrigados a terem de deixar seus territórios e suas terras para alcançar o direito à vida, à dignidade.

A luta da Educação do Campo, das Águas e das Florestas compreende um processo contínuo e permanente de organização e conscientização coletiva da classe trabalhadora do campo, das águas e das florestas, organizados ou não nos movimentos sociais do campo, que trabalham em prol de um novo projeto de sociedade, com uso racional dos recursos, da terra e do território, com respeito à dinâmica da produção da natureza. Em outras palavras, a Educação do Campo, das Águas e das Florestas, traz em seu bojo a luta pela Reforma Agrária, que passa pela luta do direito a ter direitos, dentre os quais, um deles é o direito à educação.

Desta forma, a luta da Educação do Campo, das Águas e das Florestas

emerge da luta organizada pelos movimentos sociais do campo, da agricultura familiar e camponesa, da constante reivindicação por direitos humanos que vinculam a vida na terra à soberania, à agrobiodiversidade, à agroecologia e a toda potencialidade de formação dos próprios sujeitos, para que estes construam a vida cotidiana nas comunidades camponesas e formem consciências coletivas do direito (Fernandes, 2018, p. 30).

A compreensão da luta empreendida pela Educação do Campo, das Águas e das Florestas, que é a mesma luta pela Reforma Agrária, serve de alimento e combustível para a sociabilidade e a movimentação dos sujeitos-territórios do campo, das águas e das florestas. Logo, não há Educação do Campo, das Águas e das Florestas sem a luta pela Reforma Agrária, do contrário, também é verdadeiro afirmar que não há Reforma Agrária sem a luta da Educação do Campo, das Águas e das Florestas, que é a luta por um outro projeto de país e de sociedade. Neste sentido, a totalidade da Educação do Campo, das Águas e das Florestas, só irá se materializar quando de fato ocorrer a realização da Reforma Agrária.

Portanto, é imprescindível a compreensão de que

[...] a construção da Reforma Agrária não se restringe ao universo camponês, mas sim ao conjunto da sociedade, assim como o desemprego urbano e a luta pela moradia nas cidades não se restringe tão somente aos operários/proletários urbanos, pois o capitalismo não cria condições para eliminar a escassez da vida social (se no campo, se na cidade), tampouco o desenvolvimento da abundância (se no campo, se na cidade). O mesmo processo social que fragiliza as condições de existência, o tecido social, está engravidado de precarização que se expressa em diferentes formas [...] (Thomaz Jr., 2008, p. 300).

Assim sendo, afirmamos que a luta da classe trabalhadora não se restringe à territorialidade de suas atividades físicas e econômicas, da labuta em prol da reprodução material da vida, mas se estende e está relacionado a outros territórios. Daí a importância da relação campo-cidade no processo de construção e amadurecimento de alternativas que sejam viáveis ao exercício dos direitos dos trabalhadores.

Neste sentido, pensa-se que a oferta da disciplina Campo do Conhecimento de Pesquisa do ensino da Geografia no Curso de Pedagogia do Campo da UEA/Campus Carauari, pode possibilitar a aproximação do diálogo e aprofundar a troca de saberes e a produção de conhecimentos, essenciais ao processo de formação dos sujeitos-territórios do campo e da cidade. O Curso de Pedagogia do Campo tem possibilitado aprofundar os debates e as reflexões em torno das concepções de educação, de campo, de modelo de agricultura e de território, que estão em debates e em disputa por espaços e territórios no meio acadêmico e na sociedade.

A disputa por territórios existe e é uma realidade no espaço acadêmico e social. Não é mais possível e nem admissível a construção de neutralidades. Na Amazônia “a disputa por territórios e, conseqüentemente, pelo domínio dos meios de produção sempre se constituiu num dos embates entre dominantes e dominados” (Mesquita, 2011, p. 45). Arguir em defesa da manutenção de uma postura neutra é tomar partido e fortalecer o status quo, ou seja, dar vazão à exploração do trabalho e do trabalhador, bem como a expropriação da terra e dos territórios do campo, das águas e das florestas. Desta forma, que os diálogos entre os ensinamentos da Geografia e da Educação do Campo, das Águas e das Florestas, aprofundem-se e sirvam de alimento para a formulação de novas e mais políticas públicas, bem como de territórios de resistências aos sujeitos-territórios das populações tradicionais das várias Amazônias que existem na Amazônia.

UNIDADE III

3. METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA

BUSCANDO ENSINAR GEOGRAFIA

A metodologia do ensino da Geografia, assim como em outras disciplinas, envolve estratégias e abordagens que visam facilitar a aprendizagem das/os educandas/os, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e eficaz. Abaixo podemos destacar algumas das metodologias mais comuns no ensino da Geografia.

A *Aprendizagem Baseada em Problemas* (ABP) trata-se de uma abordagem na qual as/os educandas/os são apresentadas/os a problemas ou questões do mundo real relacionados aos conhecimentos da Geografia e são encorajadas/os a investigar, discutir e encontrar soluções, promovendo o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e a resolução de problemas.

Temos também a *aprendizagem por projetos* em que as/os educandas/os trabalham em projetos de pesquisa ou atividades práticas relacionadas à Geografia, que podem envolver desde a elaboração de maquetes até a realização de estudos de campo. Isso permite uma aprendizagem mais prática e contextualizada.

O *ensino por meio de tecnologia* faz referência à utilização de recursos tecnológicos como softwares de mapeamento, aplicativos de realidade aumentada, imagens de satélite, entre outros, para explorar conceitos geográficos de maneira mais interativa e envolvente.

A *aprendizagem colaborativa*, busca promover a colaboração entre as/os educandas/os por meio de atividades em grupo, debates e discussões, permitindo que compartilhem conhecimentos e experiências e construam juntos o entendimento dos conceitos geográficos. Outra metodologia é o *ensino contextualizado*, o qual busca relacionar os conteúdos geográficos com a realidade das/os educandas/os, abordando questões locais, regionais e globais que tenham relevância para suas vidas, tornando a aprendizagem mais significativa e aplicável.

O *ensino interdisciplinar* vislumbra integrar conteúdos de outras disciplinas e áreas do conhecimento, como história, ciências sociais, ciências naturais e matemática, para explorar aspectos multidisciplinares da Geografia e promover uma compreensão mais ampla, contextualizada e integrada do mundo.

O *ensino por meio de jogos e simulações* diz respeito à utilização de jogos de tabuleiro, jogos digitais, simulações e interpretações de papéis para tornar o aprendizado da Geografia mais divertido e dinâmico, além de promover o desenvolvimento de habilidades como tomada de decisão e pensamento estratégico.

A *educação ao ar livre*, por sua vez, trata-se da realização de atividades de campo, excursões e visitas a locais geográficos relevantes, proporcionando uma experiência prática e sensorial que complementa o aprendizado em sala de aula.

Contudo, é de fundamental importância que o/a educador/a procure adaptar e combinar diferentes metodologias de acordo com as características das/os educandas/os com as/os quais trabalha, os objetivos de aprendizagem e o contexto escolar, buscando sempre promover a participação ativa das/os mesmas/os e estimular o interesse pelos conhecimentos da Geografia.

ABORDAGENS TEÓRICAS

Historicamente, são várias as abordagens teóricas sobre o ensino da Geografia que têm sido desenvolvidas com o intuito de buscar compreender como os conceitos geográficos podem ser melhor ensinados e aprendidos na prática educativa ou escolar. Dentre as principais abordagens teóricas que se destacam, pode-se elencar desde uma abordagem tradicional até a abordagem crítica ou mesmo de caráter humanista.

Neste sentido, é possível destacar as seguintes abordagens:

A ABORDAGEM TRADICIONAL

Esta linha de abordagem procura dar ênfase à memorização dos fatos geográficos, como nomes de países, capitais e localizações de lugares. Geralmente, é centrada no destaque do papel do professor a responsabilidade pela transmissão de informações aos estudantes por meio de aulas expositivas e a realização de palestras e atividades de memorização.

A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

Esta abordagem é baseada na teoria construtivista da aprendizagem, essa linha de pensamento enfatiza a construção ativa do conhecimento pelas(os) educandas(os). As

(Os) estudantes são encorajadas(os) a explorar, a questionar e a construir significados a partir de suas próprias experiências e interações com o mundo.

A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Esta abordagem destaca a importância das percepções e experiências individuais na compreensão do espaço geográfico. Ela enfatiza a análise das experiências sensoriais e emocionais das pessoas em relação ao ambiente ao seu redor.

A ABORDAGEM AMBIENTALISTA

Esta abordagem, por sua vez, destaca a importância da relação entre o ser humano e o meio ambiente, promovendo a consciência ambiental e o desenvolvimento de práticas sustentáveis. Ela enfatiza a compreensão dos processos ecológicos, a conservação dos recursos naturais e a mitigação dos impactos ambientais.

A ABORDAGEM REGIONAL

Essa perspectiva enfoca a análise das características físicas, humanas e culturais de diferentes regiões do mundo. Ela busca incentivar as/os educandas/os a compreenderem as semelhanças e diferenças entre lugares e a explorarem as interações entre os elementos naturais e humanos em uma região específica.

A ABORDAGEM HUMANÍSTICA

Esta perspectiva concentra-se na compreensão das relações entre as pessoas e o ambiente. Ela enfatiza a experiência humana e a importância do lugar na formação da identidade cultural e emocional das pessoas.

A ABORDAGEM CRÍTICA

Essa abordagem busca explorar as relações sociais, políticas, econômicas e ambientais que moldam os fenômenos geográficos. Ela procura desafiar as/os educandas/os a examinarem criticamente questões como desigualdade social, desenvolvimento sustentável e os impactos do colonialismo na construção da sociedade.

É importante ressaltar que essas abordagens teóricas podem e devem ser combinadas e adaptadas de várias maneiras para criar estratégias de ensino mais eficazes, levando em consideração os objetivos educacionais, as características das/os

educandas/os e o contexto escolar e educacional específico. O uso de múltiplas abordagens e linguagens favorece o enriquecimento e a valorização de experiências do processo de ensino-aprendizagem das(os) educandas(os), promovendo uma compreensão mais abrangente e crítica da Geografia.

A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

A Geografia da Infância é um conceito que explora a relação entre as crianças e os espaços onde elas vivem, brincam e se desenvolvem. Esta abordagem considera como o ambiente físico, social e cultural influencia o crescimento e a formação das identidades infantis.

A Geografia da Infância vai além de apenas mapear onde as crianças estão; trata-se de entender como elas interagem com esses espaços, como são influenciadas por eles e como essas interações moldam seu desenvolvimento físico, emocional e social.

A INFÂNCIA NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA

É importante salientar que existem variadas linhas de interpretações sobre o termo infância, o entendimento sobre os espaços infantis também merece um olhar muito especial. Em um de seus capítulos, a própria Lei de Diretrizes e Bases – LDB de 1996 realiza o reconhecimento da Educação Infantil como uma etapa de significativa importância no desenvolvimento humano, incluindo-a na formação da educação básica, e deliberando sobre a formação mínima para seus profissionais da educação desta referida etapa.

A Geografia da Infância compreende um campo de estudo que se concentra na análise e compreensão do ambiente físico e social do ponto de vista das crianças. Em vez de examinar o espaço apenas de uma perspectiva adulta, esse campo busca entender como as crianças percebem, interagem e são influenciadas pelo ambiente ao seu redor.

Refletir sobre os diferentes espaços das infâncias permite promover uma descentralização de nossos olhares sobre as dimensões físicas e ambientais que instituímos como as mais adequadas para as crianças, esquecendo-nos muitas das vezes que em outros espaços também acontecem encontros, desencontros, construções de conhecimentos, descobertas e trocas de saberes. Nesse sentido, entendemos que os

espaços embora prontos, construídos e idealizados por nós adultos não garantem relações humanas baseadas em sentimentos de respeito pela diversidade, pelas pluralidades das infâncias ali contidas (Delgado; Muller, 2006. p. 8).

Neste sentido, faz-se necessário pensar sobre a realidade das crianças e os seus territórios, buscando descobrir a importância desses últimos para a sua formação, pois,

[...] a geografia da infância tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais, culturais, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes geografias (Lopes; Vasconcellos, 2006, p. 122).

Desta forma, é fundamental discutir e buscar compreender a construção do mundo pelas crianças. As realidades do mundo da infância não são as mesmas da visão de mundo dos adultos. É necessário compreendermos que o mundo contemporâneo do qual fazemos parte tem, de maneira sutil, moldado o que se conhece pelo significado do termo infância, promovendo aos poucos a desconstrução desse conceito, voltando-se para outros fins que não priorizam a construção da identidade do mundo das crianças, enquanto sujeitos protagonistas de sua própria história e de seu mundo geográfico.

Portanto, é necessário se repensar no conceito de infância sem desconsiderar o mundo vivido, percebido e construído por elas, levando sempre em consideração as diversas interpretações e significações da mesma para o alvo principal que são as crianças, a fim de não só continuar a trabalhar na expectativa de uma educação de qualidade como também mudar a interpretação que se dá ao território e a territorialidade infantil. O sentido de infância é atravessado, dessa forma, pelas dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem com o grupo social, produzem diferentes arranjos culturais e diferentes formas de ser criança, traços simbólicos carregados por toda vida (Lopes; Muller, 2006, p. 111).

Existe, portanto, uma estreita ligação entre a vivência da infância e o local onde ela será vivida, pois cada grupo social não só elabora dimensões culturais que tornam possível a emergência de uma subjetividade infantil relativa ao lugar, mas também designa existência de locais no espaço físico que materializa essa condição (Lopes; Muller, 2006, p. 112).

Diante da afirmação acima, nota-se, que a Geografia da Infância reconhece que as crianças têm perspectivas únicas e valiosas sobre o mundo ao seu redor e que entender essas perspectivas é essencial para criar ambientes que promovam seu bem-estar e desenvolvimento saudável.

Desta forma, os estudos na área da Geografia da Infância têm implicações importantes para o planejamento urbano, o design dos espaços públicos e das políticas relacionadas à infância, buscando criar ambientes mais inclusivos e favoráveis ao desenvolvimento saudável das crianças.

Dessa forma, a geografia da infância tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja como os arranjos sociais, culturais, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes geografias (Lopes; Muller, 2006, p. 122).

Compreender como as crianças constroem seus diferentes contextos e sua visão de mundo, pode possibilitar o repensar das políticas pedagógicas pensadas pelos adultos na intenção de ensinar os espaços e as dimensões sociais que também fazem parte da ordem do dia do mundo infantil. Logo, a Geografia Infantil é parte integrante de uma totalidade que repensa a construção do mundo e da organização do espaço mundial.

Além disso, é importante salientar que a Geografia da Infância também examina fatores como classe social, gênero, etnia e cultura influenciam as experiências espaciais e territoriais da vida das crianças. Por exemplo, crianças de diferentes origens socioeconômicas podem ter acesso desigual a espaços seguros e de lazer, enquanto as expectativas culturais podem moldar as maneiras como as crianças interagem com o ambiente ao seu redor. Assim, a Geografia da Infância se faz de suma importância para o pensar e o desenvolvimento de políticas públicas específicas ao mundo infantil.

COMO EXPLICAR O QUE É GEOGRAFIA PARA UMA CRIANÇA?

A Geografia representa parte de tudo aquilo que o ser humano pode ver, tocar, cheirar, sentir e experimentar. Alguns exemplos claros sobre esse processo são a paisagem do campo, das águas, das florestas, das cidades, das construções e de tantas outras produções humanas e da natureza.

Para se promover um ensino adequado dos conhecimentos da Geografia, é importante que o espaço escolar corrobore no processo de troca de saberes, construção de conhecimentos, ou seja, no ensino-aprendizagem, por isso o espaço da escola deve perceber um atrativo de modo a permitir a adaptação das crianças ao novo mundo da

educação, possibilitando a autonomia para a construção do desenvolvimento motor, psíquico e social das crianças em sua vida infantil.

O QUE TRABALHAR EM GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

O ensino da Geografia na Educação Infantil pode possibilitar a ampliação dos conhecimentos e saberes das crianças, auxiliando-as no desenvolvimento das noções de representação e orientação de lugar, da vida, paisagem, do território, da lateralidade, do espaço e do tempo, com estratégias de ensino, através de diálogos que possam vir a ajudá-las no seu desenvolvimento cognitivo, cultural, social e humano ao longo da vida.

Para se trabalhar o ensino dos conhecimentos geográficos, o recurso mais indicado é o trabalho com brinquedos, a realização de brincadeiras e jogos como aliados no desenvolvimento das atividades pedagógicas dentro da sala de aula, que permitam a criação, o desenvolvimento, a construção, o ensino e o aprendizado da Geografia, ajudando as crianças a observarem, sentirem, viverem e experienciarem seus espaços.

Portanto, ao ensinar Geografia na Educação Infantil, é importante focar em abordagens lúdicas e práticas que permitam às crianças explorar o mundo ao seu redor de maneira divertida e significativa.

Abaixo trazemos algumas ideias de temas e atividades que podem vir a ser trabalhadas com as crianças nos ambientes de ensino e aprendizagem:

✓ **O Meu Espaço:** Inicie explorando o próprio espaço de vivência das crianças, incluindo suas localidades, casas, escolas e sociedades comunitárias locais. Isso pode envolver atividades como desenhos do sítio, do terreno, das localidades e/ou do bairro, passeios pela escola identificando locais importantes e construção de maquetes simples.

✓ **Mapas e Direções:** Introduza conceitos básicos de mapas e direções de uma forma acessível, por exemplo, através de jogos de *tesouro escondido* onde as crianças seguem pistas para encontrar um objeto. Use materiais simples como blocos de construção ou giz para criar mapas do ambiente escolar.

✓ **Clima e Estações do Ano:** Explore as diferentes estações do ano e como o clima muda ao longo do ano. Isso pode incluir atividades como observar o clima diariamente, criar cartazes das estações e plantar sementes para entender o ciclo de vida das plantas.

✓ **Animais e Habitats:** Introduza as crianças à diversidade de animais e seus habitats. Isso pode envolver leituras de histórias sobre animais, visitas a parques, bosques, locais ou criar habitats em miniatura em sala de aula.

✓ **Culturas e Tradições:** Explore diferentes culturas e tradições ao redor do mundo de uma forma acessível às crianças. Isso pode incluir atividades como celebrar festivais culturais, ouvir músicas e danças tradicionais e experimentar alimentos típicos de diferentes regiões e países.

✓ **Recursos Naturais e Sustentabilidade:** Introduza conceitos básicos sobre recursos naturais e práticas de sustentabilidade de uma maneira adequada à idade. Isso pode envolver atividades como reciclagem, compostagem e cuidado com a água e energia.

✓ **Viagens Virtuais:** Utilize recursos digitais, como vídeos, imagens e aplicativos interativos para levar as crianças em viagens virtuais pelo mundo, explorando diferentes paisagens, culturas e pontos turísticos.

Assim, ao trabalhar com os conhecimentos da Geografia na Educação Infantil, é fundamental que você busque adaptar as atividades ao nível de desenvolvimento das crianças, tornando a aprendizagem uma experiência envolvente e significativa. Por esta razão, incorporar jogos, música, arte e exploração sensorial pode tornar o ensino da Geografia uma experiência memorável e divertida para as crianças na sua fase infantil.

UNIDADE IV

4. GEOGRAFIA – OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS, A VIDA NO COTIDIANO E O ENSINO FUNDAMENTAL

Na presente unidade, vamos tratar dos conceitos geográficos e da Geografia do cotidiano, que são de fundamental importância para que possamos compreender o papel desse componente curricular nos anos iniciais da escolarização e da formação de indivíduos enquanto sujeitos históricos de direitos, sejam eles individuais ou coletivos.

O desenvolvimento do pensamento espacial é o grande objetivo da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, porque esse campo do saber se preocupa com o processo de construção do espaço geográfico, que é o espaço historicamente produzido pelas ações humanas ao longo da sua existência e reprodução político-cultural e socioeconômica.

Para que se possa compreender como o mundo se organiza e é historicamente organizado e reorganizado, do ponto de vista socioespacial e socioterritorial, é preciso colocar em ação o chamado raciocínio geográfico. Conforme argumenta Silveira (2008, p. 15), a “Geografia não tem como única pergunta ‘onde’. Ao contrário, a Geografia procura refletir como, onde, quem, por quê, para quê, e para quem o espaço é produzido e usado”. Portanto, é por meio dessas perguntas que se pode desenvolver o raciocínio, ou seja, pensar, de modo questionador e reflexivo, sobre a organização espacial e territorial do mundo contemporâneo.

Neste sentido, para começar o trabalho, vamos apresentar os principais conceitos ou categorias básicas da Geografia. Os estudos geográficos envolvem cinco grandes categorias de análise socioespacial. As principais categorias da Geografia são as seguintes: espaço, território, lugar, paisagem e região. Obviamente, é importante observar que existem outros conceitos importantes dos quais a Geografia faz uso; vamos falar em alguns deles nesse material. Vale ressaltar que as categorias básicas da Geografia são conceitos-chave que nos auxiliam na compreensão do espaço geográfico.

O CONCEITO *ESPAÇO*

Na Geografia, o conceito de *espaço* é central e multifacetado, sendo fundamental para compreender a organização e interação dos elementos físicos e humanos na superfície terrestre, ou seja, no processo de (re)produção e (re)organização socioespacial.

O espaço pode ser compreendido enquanto o palco onde ocorrem os processos históricos, sejam eles naturais e/ou humanos, ou seja, sociais. Ele inclui características físicas, como relevo, clima, vegetação e recursos naturais, bem como elementos humanos, como a cidade, o campo, as estradas, a agricultura, a economia, as indústrias, além de outros aspectos sócio-históricos.

Algumas das dimensões mais importantes do espaço na geografia, podemos destacar o espaço geográfico, a dimensão física do espaço, a sua dimensão social e/ou humana, a percepção, a organização e a globalização do espaço.

O Espaço Geográfico refere-se à porção da superfície terrestre onde ocorrem processos naturais e atividades humanas. O espaço geográfico engloba não apenas os elementos físicos, como montanhas, rios e climas, mas também os elementos humanos, como cidades, vilas, estradas e atividades econômicas.

A Dimensão Física do Espaço é a dimensão que se refere aos elementos naturais e físicos do espaço, incluindo características como relevo, clima, vegetação, solos e recursos naturais. Esses elementos desempenham um papel fundamental na determinação dos padrões de ocupação humana e atividades econômicas em uma determinada área.

A Dimensão Humana do Espaço refere-se às atividades, interações e práticas humanas que ocorrem no espaço geográfico. Isso inclui aspectos como assentamentos humanos, atividades econômicas, sistemas de transporte, cultura, política e organização social.

A Percepção do Espaço se refere à forma como as pessoas captam, representam e atribuem significado ao espaço ao seu redor. A percepção do espaço pode ser influenciada por fatores culturais, sociais, econômicos e históricos, podendo variar entre diferentes grupos sociais e culturais.

A Organização do Espaço faz referência aos padrões espaciais resultantes das interações entre os elementos físicos e humanos do espaço geográfico. Isso inclui padrões de assentamento, uso da terra, distribuição de recursos, redes de transporte e comunicação, entre outros.

A Globalização e Espaço, destaca que com o advento da globalização, o espaço geográfico tornou-se cada vez mais interconectado e interdependente. A globalização influencia a forma como o espaço é organizado e utilizado, criando novas dinâmicas e desafios para a gestão e planejamento do espaço.

Essas são apenas algumas das dimensões do espaço na geografia. Em essência, o espaço é um conceito fundamental que abrange uma variedade de elementos físicos, humanos e culturais, sendo central para o estudo da interação entre sociedade e ambiente na superfície terrestre. Neste sentido, é importante observar que o espaço não é natural e sim uma construção histórica e social.

O CONCEITO *TERRITÓRIO*

O conceito *território* na Geografia se refere a uma área delimitada e controlada por um determinado grupo humano, seja uma nação, um Estado, uma comunidade ou até mesmo um grupo étnico. O conceito de território vai além de uma mera demarcação geográfica e inclui aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais. “O território tem a ver com a ação de um ator social, que pode ser uma instituição, um indivíduo ou uma coletividade” (Heidrich, 2010, p. 27). Portanto, a categoria território não pode ser apenas considerada no aspecto físico ou natural, como alguns gostam de defender e trabalhar o território.

Na Geografia, o conceito território ganha uma importância, sobretudo, política, estando diretamente relacionado ao exercício e à disputa pelo poder. Como bem afirmou o geógrafo francês Yves Lacoste (2005), a Geografia, isso serve antes de mais nada, para fazer a guerra. Logo, é possível afirmar que a razão de ser da ciência geográfica recai sobre a necessidade de melhor buscarmos compreender o processo de produção e organização do espaço mundial, bem como saber pensar o espaço, para que nele seja possível se organizar e construir o combate de forma mais eficaz.

Contudo, é possível falar de algumas importantes características do território na Geografia, como por exemplo a delimitação espacial, o controle e a soberania, a identidade e o pertencimento, a organização do espaço, as relações de políticas e de poder e a integração no processo de globalização do espaço mundial.

✓ **A Delimitação Espacial:** Um território é uma área definida geograficamente, muitas vezes demarcada por fronteiras naturais ou artificiais, como rios, montanhas, linhas de latitude e longitude ou acordos políticos entre nações.

✓ **O Controle e Soberania:** O território é caracterizado pelo controle exercido sobre ele por um determinado grupo humano ou entidade política. Isso pode incluir o controle do governo sobre os recursos naturais, a aplicação das leis e a proteção das fronteiras.

✓ **A Identidade e Pertencimento:** O território muitas vezes é associado à identidade e ao sentimento de pertencimento de seus habitantes. As pessoas muitas vezes têm uma conexão emocional com o território em que vivem, identificando-se com suas características geográficas, culturais e históricas.

✓ **A Organização do Espaço:** O território é organizado de acordo com diferentes usos da terra, padrões de assentamento humano, infraestrutura, atividades econômicas e sistemas políticos. Essa organização espacial pode variar significativamente de um território para o outro.

✓ **As Relações de Poder e Política:** O controle sobre o território muitas vezes está ligado às relações de poder e política. Os territórios podem competir por recursos, influência geopolítica e autonomia política, levando a conflitos territoriais e disputas de fronteira.

✓ **A Integração e Globalização:** No contexto da globalização, os territórios estão cada vez mais interconectados e interdependentes. A integração econômica, as redes de comunicação e as migrações transnacionais estão redefinindo as fronteiras e desafiando as noções tradicionais de território e soberania.

Portanto, na Geografia, o conceito *território* é multifacetado e complexo, abrangendo aspectos físicos, políticos, sociais e culturais. O território desempenha um papel fundamental na organização do espaço geográfico e na compreensão das relações entre sociedade e ambiente.

Para o professor Milton Santos, o território não é apenas uma área delimitada geograficamente, mas sim um espaço socialmente construído e dinâmico. Santos enfatizava que o território não é uma entidade estática, mas sim um espaço moldado por relações de poder, sejam elas de caráter social, cultural, político e/ou econômico.

Logo, segundo Milton Santos (1996a), o território é um campo de lutas e relações de poder. Ele analisava como diferentes atores sociais, como governos, empresas e grupos

sociais, disputam o controle e o acesso aos recursos e espaços territoriais, influenciando a configuração do território.

O professor Santos destaca ainda que o território é um espaço de mediações e interações entre diferentes escalas geográficas, desde o local até o global. O autor argumenta que as dinâmicas globais influenciam a configuração dos territórios locais, ao passo que os territórios locais também desempenham um papel na construção de relações globais.

Santos também explorou o papel das tecnologias da informação e comunicação na formação e transformação dos territórios. Ele analisava como a disseminação das tecnologias digitais afeta as relações sociais, a economia e a política nos territórios. Essas são apenas algumas das ideias de Milton Santos sobre o território na Geografia. Seu trabalho enfatizava a importância de compreender o território como um espaço complexo e dinâmico, moldado por relações sociais e processos históricos.

O CONCEITO *LUGAR*

Na Geografia, o conceito *lugar* se refere a uma porção específica do espaço geográfico que possui características distintas e únicas. Um lugar pode ser definido por uma combinação de elementos físicos e humanos que o tornam diferente de outros lugares ao redor.

Algumas características que definem um lugar incluem:

- ✓ Características físicas: Isso pode incluir elementos como relevo, clima, vegetação, recursos naturais e características geológicas.
- ✓ Características humanas: Isso engloba elementos como população, cultura, história, arquitetura, atividades econômicas e infraestrutura.
- ✓ Identidade e significado: Cada lugar tem sua própria identidade e significado para as pessoas que vivem lá, bem como para aqueles que o visitam. Isso pode ser influenciado pela história, tradições, valores e conexões emocionais das pessoas com o lugar.

Os estudos do lugar na Geografia se dão para entender suas características distintivas e como esses elementos interagem para criar a diversidade e complexidade do mundo. Eles também examinam as relações entre diferentes lugares e como as pessoas

percebem, utilizam e modificam o espaço ao seu redor. Ao analisar os lugares, a Geografia pode ajudar a revelar padrões espaciais, identificar problemas e desafios específicos de determinadas áreas e contribuir para o desenvolvimento de políticas e práticas que melhorem a qualidade de vida e do ambiente.

O CONCEITO *REGIÃO*

Na Geografia, o conceito *região* faz referência a uma área específica da superfície terrestre, compartilhando assim características comuns e distintas das áreas ao redor. As regiões podem ser definidas por uma variedade de características, incluindo geografia física, cultura, economia, política e história. Desta forma, existem diferentes tipos de regiões na Geografia, dentre as quais podemos incluir:

✓ **Regiões Físicas:** Essas regiões são definidas por características físicas da paisagem, como relevo, clima, vegetação, hidrografia e recursos naturais. Exemplos incluem regiões montanhosas, desertos, planícies aluviais e florestas tropicais.

✓ **Regiões Culturais:** Essas regiões são definidas por características culturais compartilhadas, como idioma, religião, costumes, tradições e alimentos. Exemplos incluem regiões onde uma determinada língua é predominante, áreas com uma religião predominante ou regiões com uma culinária específica.

✓ **Regiões Políticas:** Essas regiões são definidas por fronteiras políticas, como países, estados, províncias ou municípios. Elas são geralmente estabelecidas por governos para fins administrativos e políticos.

✓ **Regiões Econômicas:** Essas regiões são definidas por características econômicas compartilhadas, como atividades industriais, agrícolas ou comerciais. Exemplos incluem regiões agrícolas, áreas industriais ou centros comerciais.

✓ **Regiões Funcionais:** Essas regiões são definidas por padrões de interação e conexão, como redes de transporte, comunicação ou comércio. Exemplos incluem áreas de influência de cidades, bacias hidrográficas ou regiões de mercado.

É importante ressaltar, que as regiões podem ser de diferentes escalas, desde regiões globais até regiões locais. A Geografia estuda as regiões para entender as interações entre os diferentes elementos que as compõem, bem como as relações entre as regiões e seu papel na organização do espaço terrestre. O estudo das regiões é essencial para compreender a complexidade e diversidade do mundo e para informar políticas e

práticas que promovam a construção de um desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida, contribuindo para a elaboração e o repensar das políticas públicas pelos Estados.

O CONCEITO *PAISAGEM*

Na Geografia, o conceito *paisagem* refere-se à porção visível da superfície terrestre, incluindo todas as características naturais e humanas que podem ser observadas em um determinado local. A paisagem não é apenas física, mas também cultural e perceptiva, refletindo a interação complexa entre os elementos naturais e as atividades humanas ao longo do tempo.

Existem três principais componentes da paisagem:

- ✓ **Componente Natural:** Isso inclui características físicas da Terra, como relevo, clima, vegetação, corpos d'água, solos e formações geológicas. Esses elementos naturais formam a base da paisagem e desempenham um papel fundamental em sua formação e evolução ao longo do tempo.
- ✓ **Componente Humano:** Este componente refere-se às características criadas ou modificadas pelo ser humano, como assentamentos urbanos, estradas, agricultura, infraestrutura, arquitetura e outras construções humanas. As atividades humanas moldam e transformam a paisagem, deixando sua marca distintiva sobre ela.
- ✓ **Componente Perceptivo:** Este componente refere-se à forma como as pessoas percebem e interpretam a paisagem. As percepções individuais e coletivas, bem como as representações culturais, desempenham um papel importante na construção da identidade e do significado atribuídos a uma determinada paisagem.

A paisagem é um conceito dinâmico, posto que está sujeita a constantes mudanças ao longo do tempo, seja devido a processos naturais, como erosão e sucessão ecológica, ou devido a atividades humanas, como urbanização e desenvolvimento industrial. Os estudos da paisagem na Geografia são importantes para se buscar entender suas características, processos e mudanças ao longo do tempo, bem como as interações complexas entre os elementos naturais e humanos que a compõem. A análise da paisagem ajuda a compreender a organização do espaço terrestre, as relações entre os lugares e as pessoas e contribui para o planejamento e gestão do uso sustentável da terra e dos recursos naturais.

Segundo o professor Milton Santos (1996b), a paisagem é um conceito complexo que vai além de uma simples descrição visual do ambiente. Logo, algumas das ideias-chave de Milton Santos sobre a paisagem são a paisagem como produto social, como resultado de fluxos e redes, como espaço de contradições e como palco da globalização.

Milton Santos (1996b) argumentava que a paisagem não é apenas um resultado da interação entre os elementos naturais e humanos, mas principalmente um produto das relações sociais. Ele enfatizava que as características da paisagem são moldadas por processos históricos, econômicos, políticos e culturais. O professor destacava ainda que a paisagem é formada por uma rede complexa de fluxos, tanto materiais quanto simbólicos. Esses fluxos incluem movimentos de pessoas, mercadorias, informações e capital, que deixam sua marca na paisagem e influenciam sua configuração.

Para Milton Santos (1996b), a paisagem é, portanto, um espaço onde ocorrem conflitos e contradições entre diferentes grupos sociais e interesses. O autor via a paisagem como um palco onde se manifestam as desigualdades sociais, a exclusão e a luta pelo controle do espaço. Por último, Santos (2000) analisou também a influência da globalização na paisagem, argumentando que as forças globais moldam e transformam os lugares locais, resultando em uma paisagem cada vez mais homogeneizada e fragmentada.

As ideias de Milton Santos sobre a paisagem enfatizam desta forma a complexidade e a dinâmica da categoria paisagem, destacando sua natureza social e a importância de considerar os processos históricos e as relações de poder na sua análise. A abordagem de Santos contribuiu significativamente para o desenvolvimento da geografia crítica e para uma compreensão mais profunda das relações entre sociedade, natureza, espaço, técnica, razão e emoção.

A maior das categorias da Ciência Geográfica

O *espaço geográfico* é um conceito fundamental na Geografia e descreve a área da superfície terrestre e todas as características físicas e humanas nela contidas. Ele engloba não apenas os aspectos físicos, como montanhas, rios, climas e solos, mas também os elementos humanos, como cidades, vilas, estradas, agricultura e indústrias.

O *espaço geográfico* é caracterizado pela interação dinâmica entre esses elementos físicos e humanos ao longo do tempo. Essas interações moldam e transformam o espaço geográfico, criando padrões espaciais distintos e complexos.

Os geógrafos estudam o espaço geográfico para entender como esses elementos interagem e como essas interações afetam as sociedades humanas e o meio ambiente. Eles usam uma variedade de métodos e abordagens, incluindo observação de campo, análise de dados geoespaciais, modelagem computacional e pesquisa histórica, para analisar e interpretar o espaço geográfico em diferentes escalas, desde local até global.

Portanto, o conceito de espaço geográfico é essencial para a compreensão da complexidade e da dinâmica do mundo em que vivemos, fornecendo percepções valiosas sobre as relações entre as pessoas e o ambiente onde habitam. Conforme já observamos anteriormente, o espaço geográfico compreende o objeto de estudo da Geografia.

Outras categorias da Geografia

✓ **Ambiente:** Refere-se ao conjunto de condições físicas, biológicas e culturais que influenciam a vida dos seres humanos e de outros organismos na Terra. Isso inclui o meio ambiente natural, bem como o ambiente construído pelas atividades humanas.

✓ **Geossistema:** É uma área da superfície terrestre onde os elementos físicos, biológicos e humanos interagem entre si e com o ambiente. Os geossistemas podem variar em escala, desde pequenas unidades, como uma lagoa, até sistemas globais, como a biosfera.

✓ **Localização:** Refere-se à posição de um lugar na superfície terrestre. Isso pode ser descrito usando coordenadas geográficas, como latitude e longitude, ou por meio de referências relativas a outros lugares.

✓ **Movimento:** Refere-se às interações e deslocamentos de pessoas, mercadorias, ideias e informações através do espaço geográfico. Isso inclui migrações humanas, comércio internacional, difusão cultural e fluxos de comunicação.

Esses são apenas alguns dos conceitos fundamentais da Geografia, que fornecem uma base para o estudo mais aprofundado dos processos e fenômenos que ocorrem na Terra e as interações entre a sociedade e o meio ambiente.

✓ **Tempo:** De acordo com Aristóteles, o tempo é compreendido como o número de mudanças em relação ao antes e depois, e o lugar de um objeto como o limite mais íntimo e imóvel do que o cerca. O tempo está em todas as coisas e seria diferente da mudança, mas algo como ela, um aspecto de seu movimento.

Para a Geografia, o tempo é o estado físico das condições atmosféricas em um determinado momento e local. Isto é, a influência do estado físico da atmosfera sobre

a vida e as atividades do homem. Porém, é importante salientar, que esta visão aborda o tempo na perspectiva da Geografia Física. Na Geografia Crítica, o tempo aparece enquanto categoria histórica, logo, o tempo compreende um intervalo da historicidade da existência humana.

USANDO A POESIA PARA ENTENDER A GEOGRAFIA

Para continuar o trabalho, caro(a) educador(a), a fim de que possamos entender e melhor trabalhar com os conceitos da Geografia, agora procure realizar em voz alta para as educandas(os) a leitura do poema de Pedro Bandeira. Afinal, temos a compreensão de que é muito bom experimentar a fruição de textos poéticos.

Meu pequeno mundo³

Sei que o mundo é mais que a casa,
Mais que a rua, mais que a escola,
Mais que a mãe e mais que o pai.
Vai além do horizonte,
Que eu desenhei no caderno,
Como linha reta e preta,
Que separa azul de verde.
*Sei que é muito, sei que é grande,
Sei que é cheio, sei que é vasto.*
Me disseram que é uma bola,
Que flutua pelo espaço,
Atirada pelo chute
De um gigante poderoso;
Vai direto para um gol,
Que ninguém sabe onde é.
Mas para mim o que mais conta
É este mundo que eu conheço
E que cabe direitinho
Bem debaixo do meu pé.

O presente poema se intitula “Meu pequeno mundo”. Ele mostra com muita sensibilidade a relação existente entre algumas importantes dimensões espaciais, tais como: pequeno/grande, perto/longe, próximo/distante a partir da percepção da criança.

O poema mostra que vivemos em um vasto mundo, mas, também, que construímos a nossa vida e experiências em um lugar específico.

3 BANDEIRA, P. *Cavalgando o arco-íris*. São Paulo: Moderna, 1984.

Logo, destacamos que a relação lugar-mundo é muito importante para a Geografia e mostra que todos nós não só construímos uma história pessoal, mas que essa história também é construída na relação com “outros” sujeitos históricos e se faz em um determinado lugar e em um determinado tempo. Não há, na história da humanidade, uma História deslocalizada, nem uma Geografia atemporal. Espaço e tempo são noções articuladas que nos acompanham no cotidiano, são vivas, percebidas e vivenciadas.

Exemplos

Por outro lado, é importante entendermos que o lugar contém e está contido em um mundo mais vasto. É como diz o trecho da poesia de Carlos Drummond de Andrade (2011) “Mundo, mundo, vasto mundo. Se eu me chamasse Raimundo, Seria uma rima, não seria uma solução”. Observe, portanto, como somos afetados no dia-a-dia de nosso cotidiano por diversos fatores que vêm de fora do lugar onde habitamos: o preço dos alimentos, o valor dos combustíveis, as marcas dos produtos, os filmes e novelas que assistimos, as pessoas que chegam em nossa localidade, as viagens, a existência das doenças e das pandemias ao longo da história etc. Como o local-global são dimensões que estão articuladas, é notório que ao mesmo tempo, um lugar específico pode gerar influência em outros cantos do mundo.

Conforme afirmou o geógrafo Milton Santos

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele, o lugar, que o mundo é percebido empiricamente (Santos, 2005, p. 158).

Desse modo, o poema “Meu pequeno mundo” de Pedro Bandeira mostra-se bastante pertinente para exercitarmos o pensamento sobre as relações geográficas e as noções das crianças sobre elas. O espaço mundial que cabe debaixo dos nossos pés e é experienciado por nós de diversas formas é valioso demais para todas as pessoas, pois é justamente nesse habitat que todos os seres humanos constroem suas histórias, suas experiências de vida e identidades. Ao mesmo tempo, o mundo que se apresenta mais amplo é importante de ser conhecido, vivenciado e também questionado.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a prática pedagógica da Geografia deve se ocupar justamente sobre tudo isso. Segundo a BNCC, o ensino de Geografia nos anos iniciais deve expressar questões fundamentais para que as/os educandas/os consigam saber e responder algumas questões a respeito de si, das pessoas e dos objetos:

Onde se localiza?; Por que se localiza?; Como se distribui?; Quais são as características socioespaciais?

Essas perguntas mobilizam as crianças a pensar sobre a localização de objetos e das pessoas no mundo, permitindo que compreendam seu lugar no mundo (Brasil, 2018, p. 367).

Sequências Didáticas

Sobre as sequências didáticas é possível afirmar que essas são formas pelas quais se busca a organização do trabalho pedagógico, a fim de atender diferentes objetivos. Segundo Lima, Leal e Mesquita (2012, p. 26) “Não há uma definição única do que seja uma sequência didática, mas, como o próprio nome já anuncia, tem como principal característica a sequencialidade, pois uma atividade está articulada com a outra”.

O uso da sequência didática, de maneira geral, apresenta o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão possível por parte das(os) educandas(os) em relação aos assuntos que serão trabalhados. Neste sentido, é possível inferir que tanto os conhecimentos objetivados, bem como os modos de lidar com a busca por esses conhecimentos, são de fundamental importância para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Pensamos que a sequência didática, envolvendo a literatura, pode ser bastante valiosa para o trabalho com a questão da identidade e do lugar. Logo, acreditamos que o poema “Espelho” é particularmente importante para mostrar como as identidades vão sendo compostas por meio da dúvida, do questionamento e da relação com o corpo/espaço.

Espelho⁴

Espelho, espelho meu:
Diga a verdade,
Quem sou eu?
Se às vezes me estilhaço,
Se às vezes viro mil,
Se quero mudar o mundo,
Se quero mudar o rosto,
Se tenho sempre na boca
Um gosto de água e de céu,
Se às vezes anoiteço
Em plena luz do sol
Ou então amanheço

⁴ MURRAY, R. *Recados de Corpo e Alma*. São Paulo: FTD, 2003. p. 15

Com vontade de voar,
Espelho, espelho meu:
Diga a verdade,
Quem sou eu?

Esperamos que com essa sequência didática, você educador(a) possa se preparar para o desenvolvimento de um trabalho inter/transdisciplinar, que possibilite o envolver as seguintes habilidades propostas pela BNCC às séries dos anos iniciais:

- ✓ **(EF01GE01)** Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares;
- ✓ **(EF01GE02)** Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares;
- ✓ **(EF01GE03)** Identificar e relatar semelhanças e diferenças de usos do espaço público (praças, parques) para o lazer e diferentes manifestações;
- ✓ **(EF01GE04)** Discutir e elaborar, coletivamente, regras de convívio em diferentes espaços (sala de aula, escola etc.);
- ✓ **(EF01GE05)** Observar e descrever ritmos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras;
- ✓ **(EF01GE06)** Descrever e comparar diferentes tipos de moradia ou objetos de uso cotidiano (brinquedos, roupas, mobiliários), considerando técnicas e materiais utilizados em sua produção.

Você gostou da proposta da sequência didática? Pensou em possibilidades de usá-la de modo inter/transdisciplinar? O que você pensou em trabalhar?

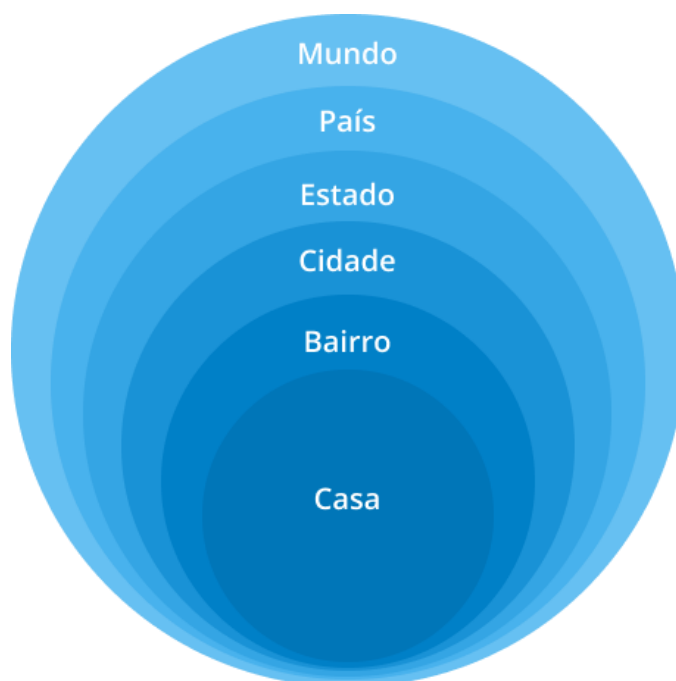
Defendemos aqui, que o trabalho com poemas se apresenta bastante significativo para o ensino com as crianças, pois permite alçar voos rumo à elaboração e produção de práticas pedagógicas participativas, interligando diferentes campos de conhecimentos, que são importantes para nossa formação.

Proposta de Atividade

Dê a sua opinião!

Procure analisar a imagem a seguir. Pensando nas relações espaciais vivenciadas pelas pessoas atualmente, você considera que o esquema proposto abaixo, é pertinente para se promover a organização do conteúdo curricular de Geografia dos anos iniciais, de modo a assegurar às crianças a compreensão do mundo? Por quê?

Imagem 3: Localizando meu lugar no mundo



Fonte:

<https://avamec.mec.gov.br/#/instituicao/seb/curso/14881/unidade/8214/acessar?continue=true>

A ilustração proposta procura mostrar um modo de organizar o estudo da Geografia, tendo como referência inicial a casa até chegar ao mundo mais vasto. Provavelmente a Geografia que você estudou na escola é organizada desse modo. Você consegue lembrar como foi?

Historicamente, os chamados círculos concêntricos se configuram como uma concepção que serviu como base para a organização e seleção dos conteúdos geográficos que foram trabalhados na escola. Por meio deles, os conteúdos da Geografia são organizados começando pelo espaço próximo – a casa, até chegar ao mais distante – o espaço mundial. Assim, no ensino fundamental, procura-se seguir uma sequência escalar, que se inicia pelo estudo da casa, da escola, do bairro, da cidade/município, do Estado, do país, dos continentes até que, finalmente, chegue-se ao mundo.

Desse modo, acredita-se que será possível respeitar o grau de maturidade das crianças e jovens partindo sempre da referência mais próxima para, somente quando as condições de abstração estivessem mais consolidadas, trabalhar os espaços mais distantes. A análise geográfica procura seguir, portanto, um percurso linear e fragmentado ao tratar as escalas geográficas.

O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social e na formação da consciência espacial das crianças. Nas séries iniciais, a abordagem da Geografia tende a ser mais lúdica e prática, focando em conceitos básicos e na exploração do ambiente próximo das(os) educandas(os).

Embora possa parecer que assuntos complexos não são apropriados para os alunos mais jovens, a Geografia nas séries iniciais é mais centrada em aspectos básicos e fundamentais do conhecimento geográfico, adaptados à compreensão e ao contexto das crianças. Portanto, o ensino da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental é essencial para desenvolver nas(os) educandas(os) uma compreensão básica do mundo ao seu redor e dos conceitos geográficos essenciais.

Abaixo estão alguns pontos-chave sobre como a Geografia pode ser ensinada nas séries iniciais.

- ✓ **Contextualização Local:** Iniciar o ensino de Geografia com elementos familiares as(os) educandas(os), como sua própria localidade, espaço de vivência, sítio, bairro ou cidade, pode ser uma abordagem eficaz. Isso ajuda a estabelecer uma conexão imediata entre os conceitos geográficos e o ambiente em que vivem;
- ✓ **Utilização de Mapas e Globos:** Introduzir mapas e globos desde cedo é crucial para ajudar as(os) educandas(os) a compreenderem a representação espacial da Terra. Começar com mapas simples, mostrando sua própria escola e arredores, e gradualmente introduzir conceitos mais complexos, como os continentes e oceanos, pode ser uma progressão adequada;
- ✓ **Exploração de Paisagens:** Levar as(os) educandas(os) a explorar diferentes paisagens, como áreas rurais, os rios, o ambiente urbano, as áreas montanhosas e costeiras, ajuda a desenvolver sua compreensão sobre as características físicas da Terra e como elas influenciam as atividades humanas;
- ✓ **Estudo de Elementos Naturais e Humanos:** Abordar temas como clima, vegetação, relevo, recursos naturais e atividades humanas básicas (agricultura,

transporte, moradia) permite que as/os educandas/os compreendam a interação entre o ambiente físico e as atividades humanas;

- ✓ **Incentivo à Observação e Investigação:** Promover atividades que incentivem as/os educandas/os a observar e investigar seu ambiente, como identificar elementos naturais e humanos em sua comunidade local, coletar dados meteorológicos simples ou fazer pequenos estudos sobre o uso da terra, poder desenvolver habilidades de observação e análise geográfica;
- ✓ **Integração com Outras Disciplinas:** Buscar oportunidades para integrar o ensino da Geografia com outras disciplinas, como Ciências (estudo do meio ambiente), Matemática (uso de coordenadas geográficas) e Língua Portuguesa (leitura e interpretação de poesias e textos informativos sobre lugares), pode enriquecer a compreensão das/os educandas/os sobre o mundo ao seu redor. Isso permite uma abordagem interdisciplinar que enriquece o aprendizado e ajuda os alunos a fazerem conexões entre diferentes áreas do conhecimento;
- ✓ **Abordagem Lúdica e Interativa:** Utilizar jogos, brincadeiras, vídeos e atividades práticas pode tornar o aprendizado da Geografia mais envolvente e acessível para as(os) educandas(os) das séries iniciais;
- ✓ **Promoção da Consciência Ambiental:** Além de ensinar conceitos geográficos básicos, é importante também promover a consciência ambiental e a importância da sustentabilidade desde cedo, incentivando práticas responsáveis em relação ao meio ambiente;
- ✓ **Consciência Espacial:** As crianças começam a desenvolver a consciência de seu entorno imediato, explorando noções como localização, direção e distância. Isso pode incluir atividades simples, como identificar sua casa, sua escola no mapa da sala de aula ou entender a disposição dos móveis em uma sala;
- ✓ **Noções de Região:** Introduzir o conceito de região pode ser feito através da comparação de características de diferentes lugares. Por exemplo, explorar as diferenças entre o ambiente rural e urbano ou entre o clima e a vegetação de diferentes regiões geográficas;
- ✓ **Cultura e Sociedade:** As crianças podem aprender sobre diferentes culturas e sociedades ao redor do mundo, destacando diferenças e semelhanças. Isso pode incluir tradições, vestimentas típicas, alimentos e habitações;
- ✓ **Exploração do Meio Ambiente:** As crianças podem começar a entender a importância da preservação do meio ambiente e da sustentabilidade. Isso pode

- envolver atividades práticas, como identificar plantas e animais locais, aprender sobre recursos naturais e discutir práticas de conservação;
- ✓ **Utilização de Recursos Visuais:** Mapas, globos, imagens e vídeos são recursos valiosos para tornar o aprendizado da Geografia mais tangível e acessível para as(os) educandas(os) mais jovens. Esses recursos ajudam a reforçar conceitos abstratos e facilitam a compreensão de diferentes aspectos geográficos.
 - ✓ **Experiências Práticas:** Visitas de campo, excursões e projetos práticos são formas eficazes de envolver as(os) educandas(os) no aprendizado da Geografia. Isso pode incluir visitas a outras localidades, parques locais, museus ou até mesmo entrevistas com membros da comunidade para aprender sobre sua história e estilo de vida;
 - ✓ **Noções básicas de geografia física:** Os conceitos básicos de geografia física, como relevo, clima, hidrografia e vegetação, são introduzidos de maneira simplificada e adaptada à compreensão das crianças. Por exemplo, atividades de modelagem de relevo em sala de aula ou visitas a parques para observar diferentes tipos de vegetação;
 - ✓ **Estímulo à curiosidade e ao pensamento crítico:** As(os) educandas(os) são encorajadas/os a fazer perguntas, levantar hipóteses e desenvolver habilidades de observação e análise crítica. O objetivo é despertar o interesse deles pelo mundo ao seu redor e incentivá-los a pensar de forma geográfica.

Em resumo, o ensino da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental visa proporcionar aos educandos uma compreensão básica e significativa do espaço geográfico, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais importantes para sua formação como cidadãos críticos e conscientes.

O ensino da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental deve ser lúdico, prático e contextualizado, estimulando a curiosidade das crianças sobre o mundo ao seu redor e desenvolvendo habilidades de pensamento espacial e crítico desde cedo. Ao adotar uma abordagem holística e contextualizada, o ensino da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental pode despertar o interesse das(os) educandas(os) pelo mundo ao seu redor e fornecer uma base sólida para estudos geográficos mais avançados no futuro.

O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino da Geografia nas séries finais do Ensino Fundamental visa aprofundar a compreensão das(os) educandas(os) sobre os processos geográficos, as relações entre sociedade e espaço e os desafios globais. Abaixo estão algumas considerações sobre como abordar esse ensino:

- ✓ **Estudo de Regiões e Paisagens:** Nas séries finais, as/os educandas/os podem explorar diferentes regiões do mundo, suas características físicas, culturais, econômicas e políticas. Comparar e contrastar paisagens regionais ajuda os alunos a entenderem as diversidades e desigualdades globais;
- ✓ **Análise de Problemas Socioambientais:** Abordar questões contemporâneas, como mudanças climáticas, desmatamento, poluição, migração e desigualdade social, permite que as(os) educandas(os) compreendam os desafios enfrentados pelo planeta e pelas sociedades humanas;
- ✓ **Uso de Tecnologias Geográficas:** Introduzir ferramentas como Sistemas de Informações Geográficas (SIG) e imagens de satélite pode enriquecer o ensino, permitindo que as(os) educandas(os) analisem dados geográficos, construam mapas temáticos e compreendam melhor os fenômenos espaciais;
- ✓ **Estudo de Geopolítica e Globalização:** Explorar questões geopolíticas, como conflitos territoriais, migrações internacionais e integração econômica, ajuda as(os) educandas(os) a entender as relações de poder e interdependências entre os países e regiões do mundo;
- ✓ **Abordagem Interdisciplinar:** Integrar o ensino da Geografia com outras disciplinas, como História, Economia, Sociologia e Ciências, permite uma compreensão mais ampla das questões sociais, econômicas e ambientais em escala global e local;
- ✓ **Estímulo ao Pensamento Crítico:** Promover discussões e atividades que incentivem as(os) educandas(os) a questionar, analisar e avaliar informações geográficas e diferentes pontos de vista sobre questões globais, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e exercício da cidadania consciente;
- ✓ **Estudo de Cartografia Avançada:** Nas séries finais, as(os) educandas(os) podem aprimorar suas habilidades em interpretação de mapas, incluindo mapas

topográficos, mapas de clima, mapas de densidade populacional e projeções cartográficas;

- ✓ **Experiências de Campo e Trabalhos de Campo:** Realizar visitas a locais geográficos relevantes e realizar trabalhos de campo ajudam as/os educandas/os a conectar teoria e prática, proporcionando uma compreensão mais profunda do espaço geográfico e dos processos que o moldam.

Ao adotar uma abordagem crítica, interativa e integrada, o ensino da Geografia nas séries finais do Ensino Fundamental pode preparar as/os educandas/os para compreenderem as complexidades do mundo contemporâneo e se tornarem cidadãos globalmente conscientes e engajados.

Desta forma, é importante destacar que “o docente deverá estar atento e atualizado, para que sua atuação possa levar o estudante à reflexão e não a corroborar como um mero reprodutor da BNCC” (Sousa; Silva, 2022, p. 13). Assim sendo, torna-se imprescindível que as/os educadoras/es durante todo o processo de ensino-aprendizagem, que compreende a proposta educacional, estejam sempre relacionando o conteúdo às lutas sociais, ao modo de vida, à organização e reorganização do território, bem como a todos os demais interesses envolvidos, como observam Sousa e Silva (2022), para que o ensino da Geografia seja compreendido em toda sua complexidade, que lhe é pertinente, em virtude do movimento dialético da sociedade.

O ensino da Geografia nas escolas multisseriadas

O ensino da Geografia em escolas multisseriadas, onde as/os educandas/os de diferentes idades e séries compartilham o mesmo espaço e professor, apresenta desafios únicos, mas também oferece oportunidades para abordagens pedagógicas criativas e inclusivas.

Algumas considerações específicas para o ensino de Geografia nas escolas multisseriadas podem abordar questões que envolvam sempre:

- ✓ **Flexibilidade Curricular:** É importante adaptar o currículo de Geografia para atender às necessidades e níveis de aprendizado das/os educandas/os em diferentes séries. Isso pode envolver a seleção de conteúdos relevantes, mas que sejam apropriados de forma comum para as faixas etárias, o que exige a utilização de metodologias específicas, onde se destaca o desenvolvimento do diálogo entre educandas(os) e educadoras(es);

- ✓ **Integração de Temas:** Explorar temas amplos que permeiam diferentes aspectos da Geografia como o ambiente natural, a sociedade e a economia, permite que as/os educandas/os de várias séries participem de discussões e atividades comuns, adaptadas às suas capacidades individuais;
- ✓ **Aprendizado Colaborativo:** Promover atividades que incentivem a colaboração entre as(os) educandas(os) de diferentes séries, como projetos de pesquisa em grupo, jogos educativos e debates, pode enriquecer a experiência de aprendizado e promover a troca de conhecimentos entre pares;
- ✓ **Utilização de Recursos Locais:** Aproveitar os recursos disponíveis no ambiente local, como paisagens naturais, monumentos históricos, comunidades e instituições locais, pode enriquecer o ensino de Geografia, proporcionando aos educandos experiências de aprendizado autênticas e significativas;
- ✓ **Personalização do Ensino:** Reconhecer e respeitar as diferenças individuais das(os) educandas(os) em termos de ritmo de aprendizado, interesses e habilidades, e adaptar as estratégias de ensino para atender às suas necessidades específicas é essencial em escolas multisseriadas;
- ✓ **Uso de Tecnologia:** Integrar tecnologias educacionais, como recursos audiovisuais, aplicativos de mapas interativos e plataformas de aprendizado online, pode ampliar as oportunidades de aprendizado e tornar o ensino da Geografia mais acessível e envolvente para as/os educandas/os.
- ✓ **Avaliação Formativa:** Implementar estratégias de avaliação formativa, como observação contínua, diálogo individualizado e coletivo e autoavaliação, permite as(aos) educadoras(es) acompanhar o progresso das/os educandas/os e identificar áreas que necessitam de apoio adicional.
- ✓ **Parceria com a Comunidade:** Envolver a comunidade local no processo educativo, por meio de atividades como palestras de especialistas, visitas a locais de interesse e projetos de serviço comunitário, pode enriquecer o ensino de Geografia e promover a conscientização sobre questões locais e globais.

Ao promover a adoção de uma abordagem flexível, inclusiva e centrada na(o) educanda(o), o ensino da Geografia em escolas multisseriadas pode oferecer uma experiência educacional enriquecedora e significativa para todos os educandos, independentemente de sua idade ou série.

O ensino da Geografia em Sociedades de populações Tradicionais

A Geografia desempenha um papel crucial na compreensão e no estudo das populações tradicionais, pois permite analisar as relações entre essas populações e o ambiente em que vivem.

O ensino da Geografia nas sociedades de populações tradicionais requer uma abordagem sensível e participativa que leve em consideração os conhecimentos locais, valores culturais e as realidades específicas dessas comunidades. Buscamos trazer aqui algumas breves considerações sobre como o ensino da Geografia pode ser desenvolvido nessas sociedades.

A valorização e o reconhecimento dos saberes e dos conhecimentos locais é um importante instrumento de realização do diálogo educativo. Reconhecer e valorizar os conhecimentos tradicionais sobre o ambiente, os recursos naturais, as práticas agrícolas, as histórias de ocupação e formação do território e dos sistemas de conhecimento locais, pode favorecer, sobretudo, a incorporação das narrativas e experiências do lugar nas aulas de Geografia. Portanto, é fundamental promover uma *abordagem participativa*, envolvendo ativamente os membros da sociedade no processo educativo, permitindo que os mesmos compartilhem suas experiências, seus conhecimentos e suas perspectivas geográficas. Esta prática pode incluir atividades como mapeamento participativo, caminhadas interpretativas e a realização de entrevistas com membros mais velhos da(s) localidade(s).

O *respeito à diversidade cultural* é um tema de extrema relevância para se garantir que o ensino da Geografia nas populações tradicionais desenvolva uma consciência crítica e reflexiva da realidade social no país, favorecendo o respeito às diferenças e à valorização da diversidade cultural, na qual o reconhecimento da pluralidade de saberes e práticas presentes nessas sociedades seja um princípio educativo, promovendo a construção e o estabelecimento do diálogo intercultural e do respeito mútuo a todas as pessoas, tanto individual quanto coletivamente.

Neste sentido, adaptar o currículo de Geografia para refletir as questões e preocupações específicas das populações tradicionais, como a relação com o meio ambiente, gestão dos recursos naturais, mudanças climáticas e preservação da cultura local traz a importância do exercício da *relevância contextual*. Logo, as aulas devem ser contextualizadas e significativas para as/os educandas/os, relacionando-se diretamente com suas vidas e realidades.

Promover a *integração de saberes* mediante a adoção de uma abordagem inter e transdisciplinar é essencial para o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a

Biologia, a História, a Antropologia e a Ecologia, contribuindo assim para uma compreensão mais ampla e holística dos temas geográficos relevantes para as comunidades tradicionais.

Outro aspecto importante é a *utilização de recursos locais*. O aproveitamento dos recursos naturais e culturais locais como fontes de aprendizado, realizando atividades ao ar livre, visitas a locais de interesse geográfico, entrevistas com membros da sociedade e análise de documentos históricos e tradicionais, favorece a ampliação do domínio dos saberes da Geografia.

Neste sentido, promover a *inclusão da história e da cultura local*, é essencial para o despertar de curiosidades, o resgate da memória e a construção de novos conhecimentos nas aulas de Geografia, permitindo que as/os educandas/os compreendam a evolução da formação do seu grupo social, o conhecimento da paisagem cultural, as transformações no uso da terra ao longo do tempo e as práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais e de suas práticas de reprodução.

Incentivar a participação das(os) educandas(os) nas questões locais e ambientais, capacitando-os a se tornarem sujeitos de mudança em suas sociedades/populações é outra prática educativa fundamental para o ensino da Geografia nos espaços de vivência das populações tradicionais. Isso pode incluir projetos de educação ambiental, campanhas de preservação do patrimônio cultural e ações de mobilização comunitária.

Abaixo, trazemos algumas propostas de temas geográficos, que podem ser abordados no desenvolvimento do trabalho nas escolas dos espaços de vivências das populações tradicionais.

- ✓ **Estudo do Território e do Espaço:** A Geografia ajuda a compreender como as populações tradicionais ocupam e utilizam o território ao longo do tempo. Isso inclui a análise das práticas de uso da terra, as estratégias de manejo dos recursos naturais e a distribuição espacial das atividades econômicas e sociais;
- ✓ **Análise da Paisagem Cultural:** A Geografia cultural permite examinar as características distintivas da paisagem cultural das populações tradicionais, incluindo sua arquitetura, sistemas de cultivo, tradições culturais e modos de vida. Isso ajuda a entender como a cultura e o ambiente se inter-relacionam na formação da identidade dessas populações;
- ✓ **Estudo das Relações Sociais e Econômicas:** A Geografia econômica e social investiga as relações sociais e econômicas dentro das populações tradicionais,

incluindo padrões de assentamento, formas de organização social, sistemas de produção e troca e acesso aos recursos naturais e serviços básicos.

- ✓ **Mapeamento Participativo:** A cartografia social e participativa envolve a colaboração das próprias populações na produção de mapas que representem seus conhecimentos locais, práticas de uso da terra e áreas de importância cultural e ecológica. Esta prática pode promover a valorização do conhecimento tradicional e a inclusão das populações no processo de planejamento e gestão do território;
- ✓ **Análise de Conflitos e Questões Ambientais:** A Geografia permite analisar os conflitos territoriais e ambientais enfrentados pelas populações tradicionais, como disputas por terras, degradação ambiental, perda de acesso a recursos naturais e impactos de políticas governamentais e projetos de desenvolvimento.
- ✓ **Estudo da Resiliência e da Adaptabilidade:** A Geografia estuda a capacidade das populações tradicionais de se adaptarem às mudanças ambientais, sociais e econômicas ao longo do tempo. Isso inclui a análise das estratégias de adaptação, o papel dos conhecimentos tradicionais na gestão dos recursos naturais e a resiliência cultural dessas populações.
- ✓ **Promoção do Desenvolvimento Sustentável:** A Geografia desempenha um papel importante na promoção do desenvolvimento sustentável das populações tradicionais, através da identificação de práticas sustentáveis, da valorização dos saberes locais, do incentivo à conservação ambiental e da busca por soluções que conciliem as necessidades humanas com a preservação dos ecossistemas.

Em síntese, a ciência geográfica oferece diversas ferramentas e variadas perspectivas que são fundamentais para que possamos compreender e valorizar as manifestações culturais das populações tradicionais, bem como suas relações com o ambiente, suas relações com a terra e território, os seus desafios enfrentados e as oportunidades que são construídas em um mundo complexo e em constante transformação.

Portanto, a partir da adoção de uma prática educativa que faça uso da abordagem participativa, inclusiva e contextualizada, o ensino da Geografia pode contribuir para fortalecer a identidade cultural, promover a sustentabilidade ambiental e empoderar as populações das sociedades tradicionais a enfrentar os desafios contemporâneos de forma consciente, crítica, ativa e transformadora.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos D. *Poema de Sete Faces*. Companhia das Letras: São Paulo, 2011.
- BAGNASCO, A. Tre Italie. *La problematica territoriale dello sviluppo italiano*. Bologna: Il Mulino, 1977.
- BANDEIRA, P. *Cavalcando o arco-íris*. São Paulo: Moderna, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Apresentação: Tempos e Espaços das Infâncias. *Currículo Sem Fronteiras: Revista para uma educação crítica e emancipatória*, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 1, p. 5-14, Jan/Jun., 2006.
- DELGADO, G. C. A questão agrária no Brasil, 1950 -2003. In: JACCOUD, L. (org.). *Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo*. Brasília: IPEA, 2005, p. 51-90.
- DENEZ, C. C.; FAJARDO, S. O Espaço Sob a Ótica da Geografia Agrária: Breves Considerações. *Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, n. 2, p. 96-114, 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/2400>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- FERNANDES, B. M. Reforma Agrária e Educação do Campo no governo Lula. In: *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, v. 7, n. 14, p. 1-23, ago., 2012.
- FERNANDES, R. C. Educação do Campo como território em disputa. In: SOUZA, M. M. O. (org.). *Educação do Campo: lutas, experiências e reflexões*. Goiânia: Ed. UEG, 2018.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. *et al. Pedagogia: diálogo e conflito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HEIDRICH, Á. L. Espaço e multiterritorialidade entre territórios: reflexões sobre a abordagem territorial. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. C. (orgs.). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LIMA, Juliana M.; LEAL, Telma F.; MESQUITA, Rui G. M. de. *Projetos Didáticos e Sequências Didáticas na Educação do Campo: a alfabetização e as diferentes áreas de conhecimento escolar*. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2012.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. *Currículo Sem Fronteiras: Revista para uma educação crítica e emancipatória*. Niterói, v. 6, n. 1, p. 103-127, Jan/Jun., 2006.

MESQUITA, B. A. A dinâmica recente do crescimento do agronegócio na Amazônia e a disputa por territórios. In: SAUER, S.; ALMEIDA, W. (orgs.). *Terras e Territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas*. Brasília: Ed. UnB, 2011.

MURRAY, R. *Recados de Corpo e Alma*. São Paulo: FTD, 2003. p. 15.

MULLER, F. *GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: Territorialidades Infantis*. Currículo sem Fronteiras, v. 6, n. 1, p. 103-127, Jan/Jun., 2006. SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996a.

SANTOS, Milton. Da paisagem ao espaço: Uma discussão. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL, 2, 1995, São Paulo, *Anais do II ENEPEA*, São Paulo: Universidade São Marcos/FAUUSP, 1996b.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Eduspo, 2005.

SAUER, S.; ALMEIDA, W. Demarcando território: passos iniciais nas terras da Amazônia. In: SAUER, S.; ALMEIDA, W. (orgs.). *Terras e Territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas*. Brasília: Ed. UnB, 2011.

SOUSA, R. A. D.; SILVA, R. S. A GEOGRAFIA AGRÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA NA BNCC. *Pesquisar*. Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 2-23, nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/87078/52130>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SCOCUGLIA, Afonso. C.; SANTOS, Eliete. C. dos. Carta ao Professor do Mundo da Esperança. In: SOUSA, Cidoval. M. de. (Org.). *Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar*. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

SUZUKI, J. C. Território, modo de vida e patrimônio cultural em sociedades tradicionais brasileiras. *Revista Espaço e Geografia*. [S. l.], vol. 16, n. 2, p. 627-640, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/39994>. Acesso em: 16 fev. 2024.

THOMAS JR., A. A classe trabalhadora no Brasil e os limites da teoria – qual o lugar do campesinato e do proletariado? In: FERNANDES, B. M. (org.). *Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

IVES, Lacoste. *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.* Campinas, 2005.

SOBRE O AUTOR

Ângelo Rodrigues de Carvalho

Licenciado e Bacharel em Geografia pela UFPA (1999), Mestre em Educação Agrícola pela UFRuralRJ (2009) e Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (2023). É professor do IFPA - Campus Castanhal. Autor do livro PRONERA e desenvolvimento territorial rural na Amazônia paraense: contribuições da Educação do Campo na construção do território e da territorialidade camponesa.